



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS**

MARIA NATALICE SANTOS DE SOUSA

**ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA QUILOMBOLA:
TRAJETÓRIAS, POSSIBILIDADES E DESAFIOS NA COMUNIDADE SARACURA,
MUNICÍPIO DE SANTARÉM-PA**

**SANTARÉM – PA
2024**

MARIA NATALICE SANTOS DE SOUSA

**ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA QUILOMBOLA:
TRAJETÓRIAS, POSSIBILIDADES E DESAFIOS NA COMUNIDADE SARACURA,
MUNICÍPIO DE SANTARÉM-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Programa de Letras para obtenção do título de Licenciada
em Letras; Universidade Federal do Oeste do Pará,
Instituto de Ciências da Educação.
Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando de França

**SANTARÉM – PA
2024**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

S725e Sousa, Maria Natalice Santos de

Ensino de língua portuguesa na escola quilombola: trajetórias, possibilidades e desafios na Comunidade Saracura, município de Santarém-Pa / Maria Natalice Santos de Sousa. – Santarém, 2024.

71 p.; il.

Inclui bibliografias.

Orientação: Luiz Fernando de França.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Licenciatura em Letras – Português e Inglês.

1. Língua portuguesa - Ensino. 2. Educação Quilombola. 3. Saracura (Comunidade). I. França, Luiz Fernando de, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 371.829

MARIA NATALICE SANTOS DE SOUSA

**ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA QUILOMBOLA:
TRAJETÓRIAS, POSSIBILIDADES E DESAFIOS NA COMUNIDADE SARACURA,
MUNICÍPIO DE SANTARÉM-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Programa de Letras para obtenção do título de Licenciada
em Letras; Universidade Federal do Oeste do Pará,
Instituto de Ciências da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando de França

Conceito:

Data de aprovação: ____/____/____

Prof. Dr. Luiz Fernando de França – Orientador
Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA

Prof. Dr. Zair Henrique Santos
Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA

Mestrando Josivan de Jesus Laurindo
Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
(TCC)

Aos vinte e quatro dias do mês de maio de dois mil e vinte e quatro, a partir das quinze horas, na cidade de Santarém, Estado do Pará, de forma presencial, na sala 101, da unidade Rondon da UFOPA, ocorreu a Sessão Pública de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) "**Ensino de língua portuguesa na escola quilombola: trajetórias, possibilidades e desafios na comunidade Saracura, município de Santarém-PA**", de autoria de **Maria Natalice Santos de Sousa**, matrícula 201700104, sob a orientação da **Prof. Dr. Luiz Fernando de França**, da Universidade Federal do Oeste do Pará. A Banca Examinadora foi composta pelo orientador, Presidente desta Banca, pela **Prof. Dr. Zair Henrique Santos** e pelo **Prof. Mestrando Josivam de Jesus Laurindo**. Após a análise do texto e defesa, o TCC foi (X) aprovado / () reprovado, resultando na nota 10,0. Recomendações da Banca: Revisão com aprofundamento da escrita, com destaque a gradação sobre as vozes dos mulhres e inclusão dos entrevistos no onexo.

Proclamados os resultados pelo Presidente da Banca, foram encerrados os trabalhos. E, para constar, eu, Prof. Dr. Luiz Fernando de França, lavrei a presente ata que será assinada pela autora do trabalho e pelos membros da banca examinadora.

Santarém-PA, 24 de maio de 2024.

Maria Natalice Santos de Sousa
Maria Natalice Santos de Sousa
Autora

Luiz Fernando de França
Prof. Dr. Luiz Fernando de França
Orientador

Zair Henrique Santos
Prof. Dr. Zair Henrique Santos
Examinador

Josivam de Jesus Laurindo
Prof. Mestrando Josivam de Jesus Laurindo
Examinador

Aos meus pais Adailson Oliveira Souza e Maria Eunice dos Santos, pelo apoio incondicional as minhas escolhas, durante todo caminho trilhado, e ao meu filho Wadson Nathan Sousa Andrade, foi por ele que seguir na luta por meus objetivos.

AGRADECIMENTO

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, a ELE toda honra e toda glória, agradeço pela determinação e força em todos os momentos de tristeza, alegria, superação e medo.

Em nome da Associação Comunitária Remanescente do Quilombo Saracura (ACREQSARA) dedico meus agradecimentos a todas as entidades inseridas no território quilombola de Saracura.

A escola Nossa Senhora do Livramento, em nome do gestor Josivam de Jesus Laurindo, e as professoras Jamile Castro dos Santos e Gleicinara Oliveira Rabelo pelo apoio e disponibilidade de material no desenvolvimento da pesquisa.

Ao professor Luiz Fernando de França, por aceitar me orientar e me ajudar a enfrentar os desafios e dificuldades.

Ao bolsista Marcos Junio, sem seu apoio e dedicação, não seria possível a conclusão deste trabalho.

Ao Grupo de Pesquisa em Literatura, História e Cultura Africana, Afro-Brasileira, Afro-Amazônica e Quilombola (AFROLIQ) do ICED/ UFOPA, em nome de todos os integrantes do grupo.

Ao Cursinho Quilombola (UFOPA), na pessoa do professor Luiz Fernando de França, que apesar de extinto, o cursinho foi muito importante para meu acesso à universidade.

Aos meus amigos (as) da graduação que tiveram comigo nessa jornada, e me acolheram com muita empatia nos momentos de dificuldades.

Ao meu filho Wadson Nathan Sousa, razão do meu viver, e ao meu companheiro Ronilson Roque Bernardes que me apoia para persistir nos meus sonhos. Registro o orgulho da minha família que me apoiaram nas minhas escolhas sem questionamentos.

RESUMO

O ensino de língua portuguesa em contexto quilombola é primordial para a valorização e memória local, e neste viés, a pesquisa tem por objetivo analisar as práticas, as atividades, as trajetórias e as vozes das professoras que atuam no ensino de língua portuguesa na comunidade quilombola de Saracura, localizada no município de Santarém-Pa. A metodologia envolveu pesquisa de campo, aplicação de questionário de perguntas relacionados às trajetórias de vida e escolar das duas professoras de língua portuguesa da Escola Nossa Senhora do Livramento do quilombo Saracura, participantes da pesquisa. Posteriormente, foi feita gravação da entrevista e realizada a transcrição para o trabalho, além disso, o trabalho também foi construído através de pesquisa bibliográfica. Esta pesquisa revelou que a parceria entre escola e comunidade tem trazido resultados positivos quanto a valorização da história e a memória do quilombo, mas que também há dificuldade por parte dos docentes de inserir a temática racial nas aulas por não terem formação adequada, tampouco acesso a materiais pedagógicos de apoio. Esses resultados evidenciam que é possível construir uma educação antirracista na escola quilombola, buscando introduzir os saberes locais e culturais da comunidade na construção de práticas pedagógicas no ensino de língua portuguesa. Por fim, concluiu-se que o ensino de língua portuguesa voltado para o ensino étnico racial na escola quilombola formará cidadãos conscientes e orgulhosos de suas origens, além da própria história do quilombo continuar sempre viva, promovendo, dessa forma, o desenvolvimento para a comunidade.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Educação Quilombola. Quilombo Saracura.

ABSTRACT

Teaching the Portuguese language in a quilombola context is essential for local appreciation and memory, and in this sense, the research aims to analyze the practices, activities, trajectories and voices of teachers who work in teaching the Portuguese language in the quilombola community of Saracura, located in the municipality of Santarém-Pa. The methodology involved field research, application of a questionnaire of questions related to the life and school trajectories of the two Portuguese language teachers from Escola Nossa Senhora do Livramento in the Saracura quilombo, participants in the research. Subsequently, the interview was recorded and transcribed for the work, in addition, the work was also constructed through bibliographic research. This research revealed that the partnership between school and community has brought positive results in terms of valuing the history and memory of the quilombo, but that there is also difficulty on the part of teachers in including racial themes in classes because they do not have adequate training or access to supporting teaching materials. These results show that it is possible to build anti-racist education in the quilombola school, seeking to introduce the community's local and cultural knowledge in the construction of pedagogical practices in teaching the Portuguese language. Finally, it was concluded that the teaching of the Portuguese language focused on ethnic and racial teaching in the quilombola school will form citizens who are aware and proud of their origins, in addition to the fact that the history of the quilombo itself will always remain alive, thus promoting development for the community.

Keywords: Portuguese language. Quilombola Education. Quilombo Saracura.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	QUILOMBO SARACURA	14
2.1	O Quilombo de Saracura: histórias e organização	18
2.2	Times e festas do quilombo de Saracura	20
2.3	Saracura: conquistas e lutas	22
2.4	O Quilombo de Saracura e os fazendeiros	23
2.5	Quilombo de Saracura: tradições X modernidades	25
3	EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO QUILOMBO	30
3.1	Considerações sobre a Educação Escolar Quilombola: as Diretrizes Curriculares Nacionais	30
3.2	Educação Quilombola em Saracura: o Projeto Político Pedagógico da Escola Nossa Senhora do Livramento	34
3.3	Ensino de Língua Portuguesa como parte da educação quilombola	38
4	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS DAS PROFESSORAS DO QUILOMBO DE SARACURA	43
4.1	Trajetórias escolar das professoras até a universidade	43
4.2	Trajetórias nos cursos de Letras e Pedagogia	45
4.3	Experiências de trabalho na escola quilombola: dificuldades e superação	46
4.4	Experiência de ensino de língua portuguesa, literatura e cultura em uma escola quilombola: desafios e prática	48
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
	REFERÊNCIAS	51
	APÊNDICES	52

1 INTRODUÇÃO

Os quilombos carregam em suas histórias as marcas da escravidão, da dor e da perseguição, mas também de um povo guerreiro e símbolo de resistência. Em relação a isso, o quilombo de Saracura desempenha papel importante na luta e combate a escravidão, pois para os negros era um lugar estratégico que servia de esconderijo e rota para os escravos fugidos de fazendas. O ato de fuga também é um ato de resistência e de combate a escravidão em resposta a situação ao qual estavam sujeitos naquele momento.

Situado em área de várzea, o quilombo de Saracura está localizado à margem esquerda do rio Amazonas. A viagem fluvial até Santarém dura em média uma hora e trinta minutos. O quilombo Saracura é uma das sete comunidades quilombolas do município de Santarém, e foi a primeira a se organizar perante os órgãos, garantido, com isso, alguns benefícios, dentre os quais está, por exemplo, o acesso à educação com a construção da escola de ensino fundamental da comunidade, que foi um grande passo para o quilombo na construção de uma educação digna.

Diante disso, afirma-se que a educação é o meio de acesso mais democrático para que se consiga alcançar metas. Para isso, é preciso que haja uma educação igualitária para todos, e infelizmente esta é uma realidade distante da desejada, ainda mais no que se refere à educação nos quilombos. Entretanto, esse cenário vem mudando aos poucos com a atuação de grupos representantes que surgem dessas mesmas comunidades a fim de buscarem resolver esses problemas perante a sociedade. Com essas movimentações, esses grupos conseguiram avanços significativos, tais como a aprovação da Lei 10.639, que determina que os conteúdos acerca da História da África e o dos africanos, assim como a luta dos negros no Brasil e sua cultura e atuação na formação da sociedade brasileira, sejam trabalhados nas escolas de ensino fundamental e médio. (BRASIL, 2003). Nove anos depois, criou-se as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. (2012), voltada para escolas localizadas em territórios quilombolas e que atende alunos oriundos desses territórios.

Com a aprovação desses documentos, embora existam avanços na educação, ainda é notável o quanto estamos “atrasados” em relação às escolas não quilombolas, pois não há disciplinas voltadas para a valorização da identidade negra, para que a criança ou adolescente possa se ver representado nos livros didáticos - este que apresenta conteúdos vagos e limitados em relação a essa temática -. É preciso que os professores, por iniciativa própria, busquem meios de incentivar o conhecimento da história de suas raízes e o resgate da cultura do quilombo. Tais questões podem ser feitas dentro da disciplina de língua portuguesa, por

exemplo, ao abordar as cantigas, músicas e narrativas da própria comunidade, bem como se verá no decorrer deste trabalho.

Neste sentido, procurarei responder por meio de pesquisa, as seguintes perguntas: como se deve fazer o ensino de língua portuguesa dentro do quilombo? O que o professor precisa trabalhar para ser diferente? Como os professores estão ensinando? Qual o caminho para ensinar literatura e leitura? Quais as dificuldades encontradas?

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar, por meio de um estudo bibliográfico e de campo, as práticas, as atividades, as trajetórias e as vozes das professoras que atuam no ensino de língua portuguesa na comunidade quilombola de Saracura, Santarém-PA, em especial das que estão sendo ou foram formadas pela Universidade Federal do Oeste do Pará- UFOPA. Como objetivos específicos, a pesquisa se propõe a investigar as práticas utilizadas pelas professoras de língua portuguesa em sala de aula para pôr em prática a lei 10.639; analisar os desafios e dificuldades encontradas pelas professoras para entrar, permanecer e sair com o diploma da UFOPA; investigar os métodos adotados para que escola e comunidade andem juntas; e analisar quais os desafios encontrados por elas ao estar em uma escola dentro do território quilombola.

No que concerne a metodologia desta pesquisa, inicialmente foi feito o referencial teórico com a seleção de textos relacionados ao tema. Também foi realizado trabalho de campo, onde de início foi feito o convite para duas professoras de língua portuguesa oriundas do quilombo Saracura para participarem da pesquisa com suas trajetórias escolar e de vida. Desse modo, foi construído um roteiro de perguntas para as professoras que foi dividido em dois blocos: um sobre suas trajetórias escolar e outro bloco relacionado a práticas pedagógicas.

A pesquisa se torna relevante em decorrência da temática abordada e dos poucos estudos que tem na região envolvendo educação quilombola e o ensino da língua portuguesa, acredito que a visibilidade do tema é importante para que se olhe a realidade e os desafios que os quilombos enfrentam para que tenham direito a uma educação básica e de qualidade. A pesquisa tem o potencial de gerar contribuições ou discussões sobre a formação e as práticas pedagógicas de professores de língua portuguesa no território quilombola, além de colocar em evidência a realidade da educação na comunidade.

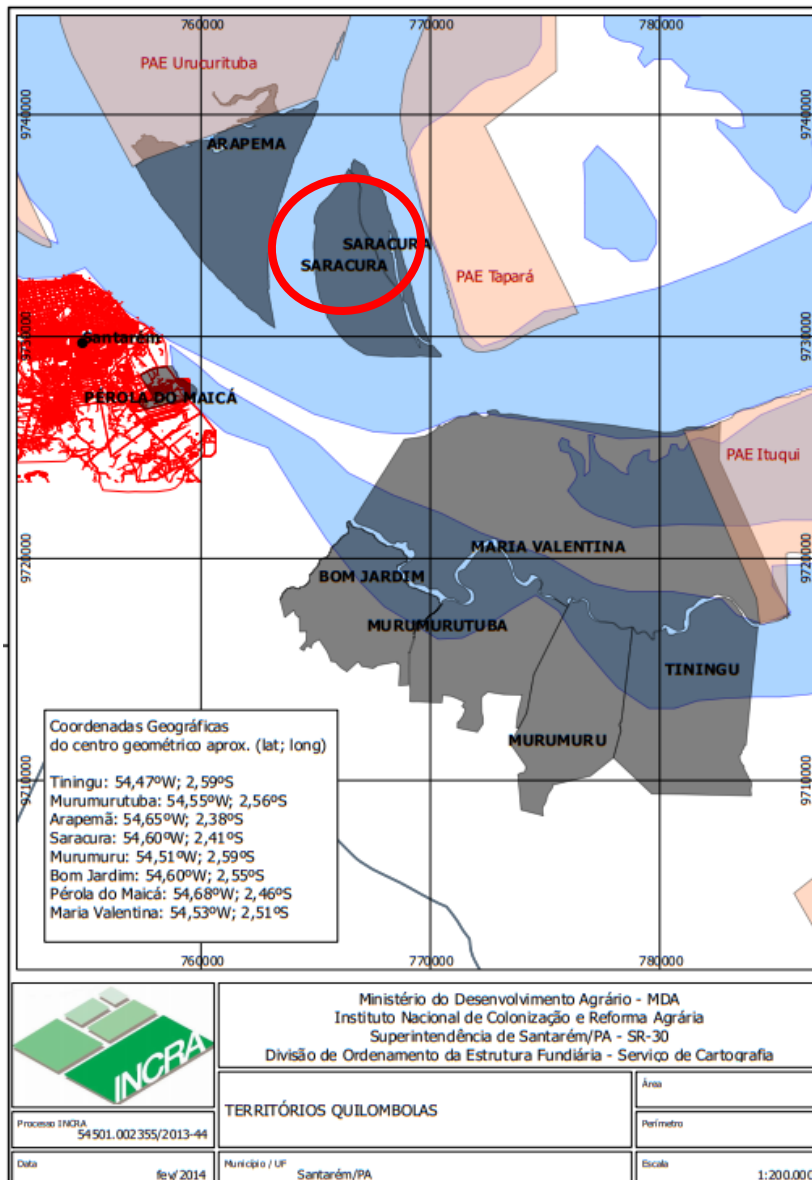
Por fim, o trabalho está estruturado em: capítulo 1, no qual se apresenta o Quilombo de Saracura, destacando sua origem, desafios, resistência e os seus conflitos, buscando possibilitar ao leitor um panorama da realidade e das dificuldades vivenciadas dentro da comunidade; o capítulo 2, discute-se sobre as Diretrizes Curriculares para Educação Escolar Quilombola, bem como a Lei 10.639/2003, além de analisar como o ensino de língua

portuguesa está ou não presente no Projeto Político Pedagógico da Escola Nossa Senhora do Livramento, no quilombo Saracura; o capítulo 3, analiso as transcrições de áudios das entrevistas realizadas no dia 02 de junho de 2023, na escola Nossa Senhora do Livramento, concedidas pelas professoras Gleicinara Oliveira Rabelo e Jamile Castro dos Santos, ambas professoras nascidas e criadas no quilombo de Saracura, e onde atuam como docentes de língua portuguesa.

2 QUILOMBO SARACURA

Neste primeiro capítulo tenho como objetivo apresentar o Quilombo de Saracura, destacando sua origem, desafios, resistência e os seus conflitos, buscando possibilitar ao leitor um panorama da realidade e das dificuldades vivenciadas dentro da comunidade, além de apresentar as conquistas já adquiridas, como a implantação do Ensino Médio Modular dentro do território, e as que a comunidade ainda luta para adquirir como, por exemplo, a titulação das terras e consequentemente a retirada definitiva dos fazendeiros. Apresenta-se de início o mapa dos territórios quilombolas de Santarém-PA a fim de situar o quilombo em relação às demais comunidades da região.

Figura 1 – Mapa dos territórios quilombolas de Santarém



Fonte: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (2014)

Situada em área de várzea, o quilombo de Saracura está localizado à margem esquerda do rio Amazonas. Vivem atualmente 150 famílias e aproximadamente 800 pessoas. A viagem fluvial até Santarém-PA dura em média uma hora e trinta minutos, podendo o trajeto ser mais fácil dependendo da embarcação e da época do ano: no verão se torna mais distante a viagem, em razão das praias; no inverno, o tempo é menor por conta dos atalhos devido à cheia dos rios.

O quilombo de Saracura é cercado por água e mata e o principal meio de transporte durante o inverno é a canoa (bote, barco, sapiara e a bajara também são utilizados). Cabe ressaltar que a maioria dos moradores possui seu próprio meio de locomoção. No período do verão abre-se apenas um caminho que dá acesso de ponta a ponta ao quilombo e o percurso pode ser feito a pé ou a cavalo.

Figura 2 – Quilombo de Saracura



Fonte: Arquivo pessoal

O Quilombo de Saracura vive as especificidades amazônicas, isto porque tem as características de comunidade ribeirinha, uma vez que está situada em região de rios. Ao adentrar o quilombo tem-se um panorama completo do modo de vida de seus moradores, do surgimento do território, e várias outras peculiaridades que cercam o lugar. A curiosidade de quem tem um olhar mais atento aos detalhes do ambiente acaba encontrando muitas respostas em uma simples conversa com os moradores, como bem destaca Eurípedes Funes (1995):

“Ao passar em frente a Saracura e Arapemã. Uma indagação sempre me vinha naquele momento: como os moradores daquela ilha lidariam com a terra e com os ciclos das águas que marcam seu cotidiano? Aos poucos, fui obtendo informações sobre a vida humana ali. Fiquei sabendo, por exemplo, que sua população foi se constituindo por negros, mestiços, livres e libertos, que fugiram do cativeiro, cujas histórias se misturavam com os daqueles que formaram os mocambos nos altos dos rios e nos paranás do rio Amazonas próximos a Santarém”.

Ainda de acordo com o pesquisador, como é possível perceber, os quilombos foram se constituindo a partir de intensa luta e resistência, e Saracura teve um papel imprescindível na estratégia do povo negro contra o sistema escravista na região, uma vez que a comunidade servia de abrigo e apoio para os negros fugidos do cativeiro e assim foi formada sua população. Segundo Funes (1995), a partir da segunda metade do século XVIII efetivou-se a chegada dos negros africanos com os incentivos governamentais através da Companhia Geral do Comercio do Grão-Pará Maranhão.

Ainda sobre essa questão, a população negra desempenhou diversas funções na condição de escravizado, seja no campo ou em outros espaços do cotidiano, visto que se naturalizou a escravidão doméstica tanto por homens, mulheres e até mesmo crianças. As mulheres passaram a cozinhar, limpar, lavar e ser babás dos filhos de suas senhoras, e seus filhos, principalmente as meninas tinham o mesmo destino, fazendo trabalhos pequenos e logo quando cresciam passavam a trabalhar sem descanso. Os homens também foram sendo utilizados no trabalho doméstico, uma vez que tinham que matar os animais para preparar para seus senhores, e muitas vezes iam em busca de lenha na mata. Cujá, vinda forçada dos negros para o Brasil não era para esse fim, e sim para o trabalho braçal e cansativo.

Eurípedes Funes é um estudioso que mergulha a fundo na memória das comunidades quilombolas, na obra “Nasci nas Matas Nunca tive Senhor: História e Memória dos Mocambos do Baixo Amazonas” de 1995. O pesquisador dá voz para esse povo contar suas histórias a partir do que viveram e ouviram: traz descrições; dados importantes da época da escravidão na região, inclusive com anúncios de jornal do período expondo fugas em massa de escravos; relata também a perspicácia dos negros em armar estratégias de fuga. É através dessas histórias registradas pelo pesquisador que se sabe, por exemplo, como os negros faziam para sobreviver perante ao risco eminente de serem capturados e como eles usavam o jogo de interesse a seu favor. Se por um lado os senhores donos de terras queriam que os escravos retornassem para seu domínio e trabalhassem para eles, por outro, os regatões¹ não tinham interesse que os negros fossem capturados, muito pelo contrário, a captura dos pretos seria prejuízo no bolso dos regatões, e os negros sabiam disso e procuravam se beneficiar da situação.

Em relatos registrados pelo pesquisador com moradores do quilombo de Saracura, fica visível como a fuga é um ato de resistência da não aceitação da condição de escravizado. Tais histórias eram passadas de geração em geração, e em muitas dessas há narrativas de como os negros eram obrigados a trabalhar sem tempo para descanso, como se vê na narrativa da

¹ Regatão: Comerciantes

senhora Marcionilia de Oliveira (conhecida como Dona Mocinha), de 67 anos, quando questionada se a sua vó falava do tempo da escravidão:

“Ela contava que quando os escravos faziam coisas que o senhor, patrão deles, não gostava eles iam apanhar: ele pegava o chicote, tinha um monte de areia, molhava o chicote na água, punha na areia, isso era de um lado das nádegas. Ele dizia que já estavam acostumados que quando era de manhã perguntavam, dizia: que tal fulano? Eles diziam: tá assim como alguém que sacudi a poeira das costas, então ele já tinha apanhado” (Funes, 1995).

Neste pequeno trecho, percebe-se a vida sofrida que os negros escravos tiveram. A única arma que tinham naquela situação era fugir, porém até mesmo para a fuga se exigia sigilo e cautela, pois havia momento e época certa para se evadir.

Outro morador do quilombo traz em sua narrativa um importante relato sobre a povoação da comunidade. Trata-se do senhor Tolentino (conhecido como Tó), de 75 anos, já falecido. Nascido no quilombo de Saracura, Tó nos leva a entender como o caminho dos negros fugidos do cativeiro e dos refugiados da cabanagem se entrelaça, além de mostrar o papel que Saracura desempenhou ao servir de rota e de abrigo dos negros e cabanos. Diz ele:

“Esse pessoal da cabanagem vieram fugido pra Saracura. Aí veio a polícia do governo pra prender eles. Os que não se entregou, morreu. Aí eles fugiram, fugiram do lado daqui, foram pra Santana do Ituiqui; os que pegou algum barco aqui pro baxo foram pra Santana do tapará, da Santana do tapará eles vararam num lago de monte alegre e começaram a se depositar nessas passagens onde só tinha onça, naquele tempo. Ai, donde os daqui se pegaram num tal de Benfica, num igarapé, numa terra muito alta, lá tinha tudo quer era bicho de caça: raposa, tatu. Roça era o que mais tinha, os de lá também ficaram aquela parte de Santaremiri, pra boca do Curuá. Lá ninguém dava fé deles. Foi o tempo que acabô a guerra, ficou em paz, e por lá eles começaram a trabalhar, já conheciam a cidade, vinham. Foi antes do meu avô. Foi no tempo do pai do meu avô, a guerra da cabanagem” (Funes, 1995).

Na narrativa do morador uma frase chamou muita atenção: “lá ninguém dava fé deles”. Esta frase é muito usada no quilombo como uma maneira de se referir a algo que está bem escondido e passa despercebido por todos, apontando perfeitamente para a ocasião em que os negros e cabanos estão fugindo como se eles desaparecessem e a polícia não conseguisse prendê-los devido a toda uma estrutura que os beneficia: o ambiente, com matas fechadas, cachoeiras, “corredeira” (correnteza forte), e claro a comunicação que tinham entre si e com os indígenas.

O quilombo de Saracura é sem dúvidas um grande “museu” de ancestralidade e cultura, desde sua origem, passando por suas histórias e memórias, cria uma viagem ao passado com histórias sofridas, mas também de muita superação e vitória daqueles que venceram o sistema escravista e daqueles que morreram tentando, para estes a sua luta não foi em vão.

2.1 O Quilombo de Saracura: histórias e organização

No que concerne à formação do Quilombo de Saracura e sua história de luta e resistência, cabe fazer apresentar uma breve narrativa sobre como se deu esta formação, assim como a nomeação significativa e simbólica dada a ele.

Contam os mais antigos do quilombo que a comunidade de Saracura, este antes chamado de Mocambo, nasceu sob influência de Dona Sara, que foi uma das primeiras moradoras da ilha, e que praticava o curandeirismo – prática proibida naquela época, uma vez que representava um crime às condutas consideradas adequadas da sociedade, esta tida como majoritariamente cristã. Dona Sara juntamente com Gabriel², que também era escravo, pescador e possuía o dom da cura, fugiam à procura de abrigo para que pudessem exercer seus dons sem a perseguição da polícia. Como Gabriel era pescador e conhecia o rio como ninguém, falou para Dona Sara sobre a ilha que havia descoberto e que era um bom lugar para despistar a polícia e exercer seu dom.

Por esse motivo, os dois se instalaram na ilha e não demorou para os escravos fugidos e para aqueles que iam atrás somente de cura ficassem sabendo da ilha e do paradeiro de Dona Sara, ela ficou conhecida na região devido seu dom, a partir daí a procura por Dona Sara era grande, pois viam nela a chance de ficar curado de alguma enfermidade, ou até mesmo de algum feitiço ou “trabalho encomendado”. Algumas pessoas que tinham esse mesmo dom usavam para fazer o mal em troca de dinheiro, naquele tempo se acreditava muito em encantados e, segundo relatos dos mais velhos, eles existiam mesmo, coisas estranhas aconteciam com quem duvidasse do sobrenatural.

Os igarapés, matas, lagos e rios “eram” protegidos por seres fantásticos na forma de algum animal. Dona Sara usava seu dom para ajudar, isso fazia dela uma pessoa adorada e respeitada por todos. Em pouco tempo a ilha foi sendo povoada por negros fugidos, cativos, livres e libertos tornando o espaço habitável e produtivo, uma vez que as famílias criavam, plantavam e colhiam aproveitando a terra fértil para o cultivo. Com o passar dos anos Dona Sara já não conseguia exercer seu dom como antigamente, pois adoeceu e não demorou muito para falecer.

² Antônio Gabriel, ou senhor Gabriel, era curador do Bom Jardim, mas passou a exercer o curandeirismo em Saracura junto com Dona Sara. Segundo relatos, ele trabalhava com remédios caseiros e chegou a tratar uma moradora que estava próxima à morte.

Posteriormente, com sua partida, os moradores da ilha ficaram arrasados e logo ap[os perceberam que o espaço onde habitavam não possuía nome e, neste sentido, resolveram homenagear Dona Sara, dando à ilha o seu nome e fazendo a junção deste com o seu dom, nomeando, portanto, SARACURA. Toda vez que algum morador local ou das proximidades adoeciam se dizia: “leva lá pra Dona Sara que ela cura”, perceberam que seria uma justa homenagem à primeira mulher que habitou a ilha. Essa história ouvi de meu pai Adailson, e mais tarde ouvi também na escola, inclusive tinha uma peça feita por professores e alunos na época que eu estudava no quilombo, onde faziam a encenação do surgimento do quilombo e de como a imagem de nossa senhora do Livramento chegou até o quilombo, era bem interessante pois as crianças entendiam de forma lúdica sobre o surgimento de seu território.

No tocante à organização da comunidade, essa se dá através da Associação Comunitária Remanescente do Quilombo de Saracura (ACREQSARA), fundada em 2001 e criada com o objetivo de dar melhor respaldo perante os órgãos competentes, bem como trazer avanço para o quilombo. A associação do quilombo conta hoje, com 195 associados. As reuniões comunitárias ocorrem no barracão comunitário todo primeiro sábado de cada mês. Nessa reunião são discutidos, em assembleia, segundo o presidente da associação Francinei Oliveira de Jesus, “assuntos que cada entidade trás, e aí são diversos de acordo com a pauta de cada entidade, como prestação de conta, assuntos do núcleo de base com relação a pesca ou assunto da igreja, com relação com qualquer trabalho que a igreja vá tá desenvolvendo, grupos de mulheres, então são diversos assuntos, de acordo com a pauta de cada entidade, não dar de precisar, a não ser a prestação do dízimo que todo mês tem”.

Ainda que a associação esteja agora regulamentada, não foi algo que a comunidade teve de imediato, isto porque os comunitários não tinham conhecimento de como buscar formas de garantir esses direitos. A criação da associação foi um passo importante no sentido de organização da comunidade. O senhor Aldo Santos, nascido e criado no quilombo de Saracura e um dos grandes líderes da comunidade (hoje se encontra com a saúde bastante debilitada) conta como começou:

“Nós da comunidade Saracura, sempre trabalhamos em busca de se organizar. Pelo menos a igreja nos colocou bem isso. Depois que apareceu os direitos, eles caberiam mais rápido quando você estivesse mais organizado em associações. Nós tentamos nos reunir e formamos uma associação e nós temos, registramos no Diário Oficial e aí começamos a dar andamento nos trabalhos” (Funes, 1995).

Na fala do senhor Aldo Santos destaca-se o papel da igreja católica na orientação dos líderes comunitários de como assegurar esses direitos. Neste sentido, ressalto a importância

do Frei Alex da *Ordem Franciscana*, pois teve papel imprescindível na luta pelos quilombos, não ausentando outros colaboradores que em muito contribuíram com esse processo.

Vale salientar que o quilombo de Saracura foi a primeira comunidade quilombola do Município de Santarém a se organizar legalmente nos órgãos federais e isso lhe trouxe benefícios instigando até mesmo outras comunidades para tal ato: após a legalização as lideranças participavam de eventos que trariam retorno para o quilombo, bem como para a sociedade em geral. Outro benefício é quanto a participação de Saracura na “Feira da Cultura Popular”, realizada na praça São Sebastião e organizada pela prefeitura do município. O evento dá visibilidade às produções do quilombo e nele são expostos iguarias, artesanatos, representações simbólicas de Saracura (e de outras comunidades), bem como de sua cultura. Na realização da feira há também um concurso de rainhas, na qual a vencedora leva para a comunidade um motor de luz. Em um desses eventos culturais, Saracura saiu como vencedor, o que deu aos seus moradores bastante alegria, sendo comemorado com queima de fogos durante a chegada do equipamento ao quilombo.

A partir da regularização, Saracura (assim como os outros quilombos da região) se atualiza perante às exigências, como as documentações atualizadas para que não percam programas que os beneficiam. A união das lideranças dos quilombos é fundamental para que esses direitos atinjam a todos da comunidade. Além disso, a parceria entre as comunidades permite a luta por mais direitos e melhorias, o que beneficia moradores e promove a concórdia entre os quilombos.

2.2 Times e festas do quilombo de Saracura

O quilombo de Saracura, no que concerne ao esporte e ao lazer, dispõe de dois times de futebol, ambos também têm suas tradicionais festas dançantes, que são promovidas no intuito de gerar comunhão e confraternização entre os moradores da comunidade. Um dos times, mais antigo e tradicional, é o *Esporte Clube de Saracura*, conhecido pela região pelo esporte e também por sua festa dançante, que ocorre no último domingo de setembro. Há antes da festa uma seresta promovida pelo quilombo e tem participação dos próprios cantores da comunidade. Outro time de Saracura, fundado recentemente, é o Luso Brasil Futebol Clube, que também promove festa dançante que costuma ser realizada no mês de novembro. As festas dançantes são tradicionais de comunidades, seja quilombola ou ribeirinha, e fazem parte da cultura local, o que fomenta a atividade e lazer dentro desses lugares.

Figura 3 – Time de Saracura

Fonte: Arquivo pessoal

Figura 4 – Barracão e festa em Saracura

Fonte: Arquivo pessoal

Para além das festas promovidas pelos times de Saracura, há também a festa religiosa de Nossa Senhora do Livramento, padroeira da comunidade. A festividade ocorre no mês de outubro e dura cerca de uma semana, com programação toda noite sob responsabilidade de cada entidade da comunidade. Durante a realização das comemorações da festa religiosa não é permitida a venda e o consumo de bebida alcoólica.

A Igreja Nossa Senhora do Livramento se encontra ao lado do barracão comunitário, local onde se realiza a outra parte das comemorações da festa. Ainda no que diz respeito à parte religiosa da comunidade, tem-se a questão da representação santificada, no quilombo Saracura há uma santa padroeira e sua imagem chegou ao quilombo através do senhor Antônio Gabriel (curador - já mencionado anteriormente), e segundo Dona Mocinha (nos relatos registrados por Funes), a imagem é antiga e quem zelava por ela era um senhor chamado Manuel Celestino, após seu falecimento outra responsável toma conta da imagem.

A parte religiosa e cultural foram umas das primeiras organizações da comunidade, isto porque todos eram católicos e a participação dos moradores era significativa nos festejos dos santos, e as imagens dos santos viviam sob “proteção”. Lembro que minha bisavó era

protetora de Santo Antônio, depois de seu falecimento minha avó Rosalina, conhecida como Bebé, ficou com a missão. O Santo Antônio continua até hoje na casa dela e atualmente uma tia reside no local. São histórias como essas que Eurípedes Funes, através das narrativas registradas, remete-nos a uma infância na qual certas coisas passavam despercebidas, e aqui se vê que tudo tem um significado e sentido.

2.3 Saracura: conquistas e lutas

Para além da formação e da cultura do quilombo de Saracura, ressalta-se também as melhorias que este teve durante os anos que se passaram. Conquistas muito importantes foram adquiridas, como a escola Nossa Senhora do Livramento, fundada em 24 de setembro de 1945. Além disso, cita-se o desenvolvimento no quilombo e de políticas públicas que abrangem a população quilombola, principalmente no que diz respeito à educação, como a lei 10.639 de 2003, a qual estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira dentro das disciplinas que fazem parte das grades curriculares do ensino fundamental e médio. Não só a implementação desse ensino na educação, mas a importância de ser implementada na escola quilombola ribeirinha, é de grande representatividade e uma arma para combater o preconceito dentro da escola, por mais que os alunos dessa escola sejam em sua totalidade negros, o preconceito existe.

Lembro-me que meu pai contava que antes os pais se juntavam para pagar uma professora para seus filhos, a qual se locomovia de Santarém. Quando algum pai atrasava com os custos de sua parte, a professora deixava de ir ao quilombo, o que prejudicava diretamente na formação dos estudantes da comunidade, pois ficavam sem estudar, não sendo possível só um pai pagar aula particular para seus filhos, devido aos custos e as não condições favoráveis. Também era difícil encontrar uma professora disposta a ir para a comunidade lecionar por algum tempo. Os filhos das mães solo não tinham acesso à educação, pois normalmente elas não tinham só um filho e para elas se tornava muito mais dificultoso conseguir que eles tivessem educação/formação. Um outro ponto a se destacar é que como não havia caderno tal como hoje existe, os pais compravam folhas soltas, costuravam e assim era o caderno das crianças daquela época.

Percebe-se quão precária era a educação no quilombo de Saracura, sem mencionar outros problemas que este enfrentava e ainda enfrenta, no entanto, sem as dificuldades que outrora eram realidade. Atualmente, a comunidade possui uma escola recém inaugurada (com nova estrutura desde 02 de fevereiro de 2022) que oferece o Ensino Fundamental e Médio, com

um quadro de professores e gestores - a maioria pertencentes dali - que atendem às demandas da instituição e do próprio quilombo. Outro fator a se destacar quanto à educação local é ao Ensino Médio Modular, implantado na instituição depois de várias reivindicações das lideranças comunitárias, isto porque a escola não atendia apenas aos alunos de Saracura, mas de outras comunidades próximas, como é o caso de Arapemã (que hoje já dispõe do Ensino Médio Modular em seu território) e de Palhão.

Apesar dessas pequenas conquistas da educação no quilombo, ela ainda está longe de ser a adequada para uma formação plena e desejada que atenda a todos os moradores da comunidade. A educação também é uma ferramenta de luta e através dela o indivíduo conhece sua história e sua realidade, bem como pode atuar diretamente na luta e reivindicação de seus direitos.

A discussão sobre a educação sempre é muito importante e válida, mas quando se fala em educação quilombola, percebe-se mais ainda sua importância, para que tenhamos um povo orgulhoso de seus ancestrais, de sua origem, é fundamental que tenham acesso a sua história contada por seus descendentes, sem ser distorcida como estamos cansados de ver e direito a uma boa educação. Com a Lei 10.639 e a implementação da Educação Escolar Quilombola, viu-se a valorização da cultura e identidade negra tendo o reconhecimento que merecem, claro que ainda há muitas mudanças necessárias, mas o fato de haver um ensino voltado exclusivamente para educação escolar quilombola, traz esperança para que se construa uma educação diferenciada, pois a implementação desse ensino na escola quilombola ribeirinha é de uma relevância imprescindível, já que a criança e o jovem negro verão se sentirão representados.

2.4 O Quilombo de Saracura e os fazendeiros

Embora o quilombo de Saracura tenha conquistado vários direitos, um ainda insiste em continuar sem solução, e as lideranças da comunidade não medem esforços para sanar tal problema: a questão dos fazendeiros e a invasão de terra. Ressalto que a maioria dos fazendeiros já não habitam no quilombo, vão vez ou outra lá, mas possuem uma grande área de terra, destinada a criação de bovinos, e que no dia a dia causam empecilhos para os moradores, uma vez que só se consegue plantar/colher mediante cercas feitas ao redor dessas plantações, ou vigiar para que os búfalos e gados não adentrem e acabem como plantio. Outro ponto é quanto à pesca, que sofre com o mesmo problema, pois as malhadeiras deixadas no rio são rasgadas

pela manada não controlada pelos fazendeiros e seus subordinados. Além do prejuízo material, há também o natural, pois, a fartura de cardume está desaparecendo do local.

A presença de fazendeiros dentro do quilombo de várzea infelizmente, se deu pela falta de organização do quilombo e também pela falta de conhecimento dos próprios moradores sobre seus direitos, pois Saracura atraía muitos fazendeiros pelo fato de ser próxima a cidade e, principalmente pelo fato de que a terra de várzea é fértil para a plantação de capim, a criação de gado, no entanto, ocupa boa parte do território quilombola, esse espaço poderia estar sendo ocupado por moradores de dentro do quilombo, já que em alguns lares os membros vão constituindo suas próprias famílias, vão fazendo suas casas no mesmo terreno que fica a casa do pai e assim por diante, até ficar um enfileirado de casas em um mesmo terreno. Vale ressaltar que os peões das fazendas são os próprios quilombolas da comunidade de Saracura, e tal fato desencadeia vários outros problemas os quais a comunidade enfrenta. O ofício do pai em ser vaqueiro vai passando para os filhos. É um ciclo que se renova ano após ano.

Para além dos problemas causados pela presença de fazendeiros no local, há um ainda maior, que causa justamente o empecilho anteriormente referido: a titulação e a ocupação legal do território. Os vaqueiros/subordinados dos fazendeiros são do próprio quilombo, estes e sua família acabam por apoiar esses empreendedores, e se colocam contra a saída deles do território. São moradores que se colocam contra o seu próprio povo, muitas das vezes comprando a briga de fazendeiros e causando um clima hostil dentro da comunidade. Em alguns casos, o fazendeiro tem o apoio e a ajuda de pessoas de dentro do território, o que torna a luta do quilombo mais demorada e consequentemente mais cansativa.

Outro ponto a se destacar quanto à disputa de moradores e fazendeiros, é que o quilombo de Saracura tem sido beneficiado com projetos de agricultura familiar. Tais iniciativas incentivam as famílias a plantar alimentos com compra garantida pela Secretaria de Municipal de Educação (SEMED) e outras instituições, e nesse aspecto surgem outros desentendimentos envolvendo os donos das plantações e os donos de gado, pois o prejuízo ocasionado pela destruição dos plantios não é ressarcido pelos fazendeiros, provocando, dessa forma, danos materiais que afetam a economia dos moradores. Cabe ressaltar ainda que os donos dos gados não frequentam a comunidade de forma regular, e seus subordinados, ao serem questionados e cobrados pelo prejuízo, ameaçam o seu próprio povo.

O quilombo ao longo desse tempo vem sofrendo muitas mudanças, algumas dessas não são positivas para os seus moradores e está totalmente associada ao número expressivo de bovinos na comunidade. Meu pai conta que antes a comunidade era de difícil acesso e isso ajudou a esconder os negros que vinham fugidos das fazendas: a ilha era cercada de mata, lagos,

igapós, aningal, havia muito barranco e era o ambiente ideal para os negros refazerem suas vidas e criarem seus filhos na medida do possível. Com a chegada dos fazendeiros, o quilombo foi ganhando nova paisagem: a mata foi perdendo espaço; os barrancos foram sendo levados com a ajuda das terras caídas; os peixes cada vez mais difíceis de serem capturados.

No verão Saracura enfrenta um problema bastante preocupante: a seca do rio e da praia, e a consequente falta de água potável. A seca provoca muitos problemas e um deles é quanto a água ficar imprópria para o consumo, pois o limo aparece em grande quantidade. Os moradores precisam buscar água no outro lado da praia ou muitos, quando vão à Santarém, aproveitam para encher galões nas torneiras públicas da cidade. Os que moram na parte de baixo não ficam com a água parada, no entanto, precisam lidar com os estercos dos bois que correm rio abaixo, pois como estes atravessam de Saracura para a praia, acabam soltando fezes, o que polui o rio e impacta diretamente a comunidade.

A partir dos anos os moradores foram percebendo que a praia que saiu em frente à comunidade era propícia ao plantio de feijão, melancia, jerimum, maniva, etc., e os fazendeiros também entenderam que os seus bovinos poderiam pastar na praia, já que eles alegam que a praia que surgiu em frente ao quilombo de Saracura não tem proprietários, ou seja, há os querem plantar e colher e os que querem que a praia seja pasto dos seus bovinos. Assim como têm os conflitos envolvendo plantações no próprio quilombo, há também os conflitos envolvendo os plantios na praia, uma vez que alguns dos moradores costumam utilizar também o local para a atividade, tornando os desentendimentos mais frequentes.

2.5 Quilombo de Saracura: tradições X modernidades

O quilombo de Saracura é uma comunidade de muitas tradições, ancestralidade, resistência, religiosidade e não poderia ser diferente, levando em consideração a origem da comunidade. No que concerne ao lazer, os moradores do quilombo se encontram para o lazer no campo de futebol do Esporte Clube Saracura, atividade comum dentro do território e que demonstra uma nítida união das pessoas que compõem a coletividade. Ainda mencionando a união do lugar, há também um grupo de mulheres, denominado de “Meninas do Quilombo”, fundado em 14 de fevereiro de 2006 tendo como coordenadora Jucimara de Oliveira de Jesus, com 28 mulheres associadas com idades entre 17 a 70 anos.

Figura 5 – Reunião do grupo de mulheres “Meninas do Quilombo”



Fonte: Arquivo pessoal

Ainda segundo a coordenadora, o objetivo do grupo é fortalecer a auto estima da mulher, fazendo com que ela possa reconhecer os seus direitos na sociedade machista que vivemos e ocupar espaços nos movimentos sociais, dentro do grupo através de oficinas de artesanato, a mulher pode se auto identificar com os seus saberes que serão benéficos para o auto sustento do grupo e da própria mulher, porque a partir do que ela aprende a fazer, ela vai colocar em prática para angariar o seu próprio recurso financeiro. Além do artesanato, o grupo realiza passeios, confraternizações, festeja datas comemorativas, como o dia das mães, dia internacional da mulher, dia dos pais, dia das crianças. Realizamos vendas durante o ano. Trabalhamos em parceria com a igreja Nossa Senhora do Livramento e com o time de futebol Esporte Clube Saracura. O grupo tem uma reunião mensal todo segundo sábado de cada mês.

Nessa reunião discutimos os assuntos em pauta que são feitos no início do ano, no planejamento anual do grupo, além da reunião nesse dia temos bingo para angariar recursos financeiros para o grupo.

Este grupo é tradicional do quilombo e em muito contribui com a força de representatividade feminina no local, o que simboliza uma forte reprodução de sororidade dentro de Saracura.

A parte religiosa também é muito presente na comunidade, sendo a maioria dos Saracuenses católicos, embora a religião protestante tenha ganhado alguns adeptos nos últimos anos no quilombo, ainda assim a maioria dos moradores é católica misturada com as tradições africanas, como o lundun, a disfeiteira, a dança do pássaro, entre outras, que antes era muito mais presente. Sousa (2015) menciona essa questão religiosa em um depoimento registrado em 2013, de uma das moradoras mais idosa do quilombo de Saracura, Dona Antônia (nome fictício):

“Antigamente se trazia esmola de uma comunidade pra outra na época da festa de Nossa Senhora do Livramento. Junto da imagem vinha os foliões que traziam as bandeiras. A bandeira branca vinha na frente e a vermelha atrás. Entravam na casa das pessoas e saudavam o dono da casa e estes ofereciam comida e bebida, se tivessem dinheiro colocam na imagem, se não tivesse oferecia frango, ovos, o que pudesse dar. Depois de cantar saiam da casa e acontecia a procissão. Nessa hora somente os foliões cantavam. Cantava uma ladainha quando a santa estava parada na igreja: “Beija irmão, beija com alegria. “Jesus Cristo é rei da glória, filho da virgem Maria” e nesse momento as pessoas iam uma de cada vez beijar a imagem da santa. Na hora de guardar a imagem eles cantavam: “três Marias se vestiram sim numa noite de luar para ver o senhor em Roma aonde Deus fez a morada”. Iam cantando a folia e tirando as flores da imagem, tirava as bandeiras e colocava a imagem da santa na mala. Esta festa parou de acontecer quando uns padres alemães chegaram e disseram que a santa não precisava de dinheiro. Prenderam a imagem e levaram para a igreja em Santarém. a partir disso a comunidade cruzou os braços e acabou tudo” (Sousa, 2015).

Percebe-se no relato da moradora que antigamente a cultura e tradição da comunidade eram muito fortes, ao longo do tempo, no entanto, esses aspectos vão se perdendo, pois os mais velhos falecem e a tradição vai junto com eles.

Outra manifestação dos moradores do quilombo era a crença nos seres encantados que habitam a comunidade, acreditava-se em seres protetores das matas que criavam formas de animais ou formas de seres humanos para castigar ou matar alguém. Os moradores tinham muito respeito e até mesmo medo, porque acreditavam realmente que esses seres existiam. Hoje ainda existem essas crenças, mas não tão fortes como outrora, principalmente por parte dos mais jovens que não demonstram interesse em preservar a cultura e tradições da comunidade.

O desafio hoje em dia é preservar e manter a cultura e identidade do quilombo, pois diante de tantas mudanças ao longo do tempo, corre-se o risco de toda a tradição que envolve o surgimento do quilombo, bem como os seus costumes, sejam deixados de lado. Embora saibamos que existem diversos quilombos no Brasil, os costumes e cultura dessas comunidades não são iguais, pois muda muito a partir da localização de cada um, o que torna os quilombos grandes guardiões da cultura de um povo, este sendo único.

Guardar as tradições e identidade de seu povo era um compromisso levado a sério pelos moradores antigos do quilombo de Saracura, uma vez que estes tinham a missão de proteger e dar continuidade aos costumes e roteiro de cada manifestação cultural. Ressalta-se que os festejos não se restringiam apenas ao quilombo, as comunidades próximas faziam parte dessas comemorações. É válido mencionar a união dos moradores para que tudo acontecesse, pois as festas duravam dias e eram bastantes animadas com a maioria dos moradores participando dos festejos e organização, é o que Dona Mocinha, menciona:

“Não podia ter uma procissão que rolava festa. Tinha festa de S. José. Festejava em março, 19 de março. Tinha o Mastro, os Mordomos. Mordomos era aqueles que cooperavam pra comprar o boi, as frutas pro Mastro, anotava o nome daquelas pessoas e quando era a festa que começava no dia 08 ao dia 19, na hora do almoço, chamava as pessoas para almoçar, de um por um” (Funes, 1995).

É perceptível no relato da moradora como as festas eram coletivas, na qual os moradores se reuniam para preparar tudo - o chamado *puxirum* -. As festas eram com detalhes simbólicos e significativos. Essas manifestações que se davam através de procissões, rezas e danças, essa última é a que ainda tem forte influência na comunidade depois que líderes da comunidade, juntamente com a escola, procuraram resgatar algumas danças antigas que os jovens e as crianças nunca tinham visto serem dançadas.

A reza e a procissão ainda estão presentes, mas não com tanta influência como antigamente se via por parte dos mais idosos. Neste viés, há muito a se fazer para a valorização dessa cultura histórica: as lideranças da comunidade estão interessadas em resgatar a identidade e a ancestralidade da comunidade através das festas e das danças. Os conhecimentos deveriam ser repassados de forma que tivesse uma tradição mais forte, no entanto, nota-se um desapego às questões culturais do quilombo por parte dos jovens. Dona Mocinha, quando perguntada por Funes (1995) sobre outras manifestações existentes na comunidade, além das procissões e rezas, esclarece:

“Tinha baile, quadrilha, lundum, valsa, disfetera (era uma dança). Olhe, minha avó dançava e as outras velharadas também. Aqui tinha o conjunto (moreno). Eu tenho um primo que mora lá no Bom Jardim- ele tocava violino, o Nilto. Tinha 3 que tocava violão, tinha que tocava banjo, tinha tambor. O Felipe tocava flauta.”

Diante das lacunas deixadas pela geração quanto à preservação e continuidade da cultura e identidade do território quilombola de Saracura, torna-se necessário a continuidade da cultura e ancestralidade da comunidade a fim de não deixar morrer suas raízes e fazer com que os jovens se interessem pela história de seus antepassados, não deixando, dessa forma, que os costumes se percam ao longo do tempo.

Por isso a importância de que os jovens negros tenham a oportunidade de um ensino de qualidade, para que mudem a história de sua família, de sua comunidade. Sabe-se que através da educação e com suporte adequado se consegue chegar onde antes era impossível para um jovem negro.

3 EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO QUILOMBO

Neste segundo capítulo tenho como objetivo discutir sobre as Diretrizes Curriculares para Educação Escolar Quilombola, bem como a Lei 10.639/2003. Busco também analisar como o ensino de língua portuguesa está ou não presente no Projeto Político Pedagógico da Escola Nossa Senhora do Livramento, no quilombo Saracura, uma vez que essa é uma escola quilombola e ribeirinha, e como tal, a prática educacional e a identidade local precisam estar alinhadas para a implementação de políticas de valorização da cultura negra.

Neste sentido, cabe ressaltar ainda que, para se ter uma educação antirracista, de valorização e de respeito, a história de luta e resistência do povo negro e quilombola necessita a ser contada e compartilhada. Tal ensejo fará com os alunos criem vínculos mais fortes com suas identidades, além de valorizarem suas próprias raízes históricas, culturais e sociais. Essa questão pode ser abordada, por exemplo, com as histórias narradas no primeiro capítulo sobre o surgimento do quilombo. As histórias apresentadas trazem a realidade para mais próximo deles, já que também são moradores dessa mesma comunidade, o que não acontece com questão do livro didático, pois poucas são as narrativas quilombolas, negras e indígenas que ganham espaço na construção desse material.

3.1 Considerações sobre a Educação Escolar Quilombola: as Diretrizes Curriculares Nacionais

O cenário educacional no Brasil passa por várias mudanças ao longo dos governos, isto acontece pelo fato de se adotar ideologias nas quais se abarcam diferentes visões sobre a educação, além de se buscar atingir outros objetivos por meio dela, na maioria das vezes, a educação não chega a ser prioridade para as novas gestões, o que deixa o setor educacional ainda mais vulnerável.

Ao falar de educação no âmbito da construção do presente trabalho, é válido novamente destacar que a população negra e quilombola é uma das mais desassistidas no que se refere à criação de políticas públicas. Esse cenário só passou a ser diferente para o público citado anteriormente, em 2003, com a eleição do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva,

eleito novamente em 2022. Em sua primeira gestão, um passo significativo e simbólico foi dado para a mudança, que enfim buscou valorizar a cultura e história do povo negro.

Em 09 de janeiro de 2003, o então presidente Lula sanciona a Lei 10.639/2003, que altera a Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. A sanção da referida lei é considerada um marco para a educação brasileira, principalmente para a população negra, pois tornou obrigatório no currículo das escolas brasileiras, tanto particulares, quanto públicas, o ensino da Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica. A lei também estabeleceu o 20 de novembro como o Dia Nacional da Consciência Negra no calendário escolar.

A Lei 10.639 veio para “reparar” todo o histórico de opressão vivida pelos negros no Brasil no período escravista. Cabe lembrar que muitos foram os direitos violados e negados para a população negra durante os anos que marcaram a escravidão no país. No entanto, mesmo após tantos anos passados, essas violações e preconceitos ainda se fazem presente na sociedade atual, às vezes de maneira velada, às vezes explicitamente, mas ainda recorrentes. Nesse viés, a aprovação da Lei 10.639 também foi uma resposta para os indivíduos que ainda insistem em cometer atos discriminatórios que ferem e muitas vezes matam essas pessoas. Embora seja válida e passível de punição, a lei encontra quem a desrespeita.

Como já destacado a importância da aprovação da Lei 10.639 para a população negra – conquista que veio do Movimento Negro junto as autoridades para a aprovação das reivindicações –, o desafio agora é pôr em prática essa mesma lei de forma mais abrangente, formar os professores para atuarem conforme exigência, bem como elaborar materiais didáticos mais inclusivos e com a representatividade que se encontra fora na realidade brasileira. Essas questões são válidas e comumente requeridas, pois os livros didáticos distribuídos nas redes públicas não representam o povo negro da forma como deveria, não no sentido positivo de valorização da raça, mas na continuidade de estereótipos e no apagamento da real história desse povo. Nos quilombos afastados e longevos esses desafios se tornam ainda maiores, já que as informações chegam fragmentadas e a lei não contempla quem mais necessita.

Ainda no que diz respeito a essa temática, acredita-se que a formação continuada de professores, materiais de apoio apropriado e metodológico, boa infraestrutura do local de ensino, contribua significativamente para bons resultados na implementação da lei. A princípio não serão resultados a curto prazo, mas com perspectivas de mudanças maiores.

A educação é sem dúvidas uma solução para grande parte dos problemas do mundo, e ter acesso a ela de forma gratuita e de qualidade possibilita uma vida digna e com futuro próspero para os jovens, mas a grande maioria, principalmente os jovens negros do país, não têm a garantia de terminar os estudos, pois muitos precisam trabalhar e não conseguem conciliá-

lo com a escola, o que leva ao aumento do índice de evasão escolar por parte dessa população. Essa desvantagem dos negros em relação aos brancos se dá dentro de todo um contexto histórico, no quais aqueles foram submetidos à exclusão, privação de direitos e a manutenção de um estereotipo que insiste em existir, como já explanado anteriormente.

A luta para mudar a realidade de muitas crianças e jovens negros, vem ao longo de muitos anos para termos hoje políticas voltadas para a população negra, cito aqui a aprovação da Lei 10.639, como um dos resultados dessa luta. No entanto, cabe mencionar que outros passos também foram dados nesse mesmo sentido, como as cotas nas universidades particulares e públicas para estudantes negros e quilombolas que queiram ingressar no ensino superior por meio dessas ações afirmativas. Cita-se também a conquista dos movimentos sociais negros que abriram caminhos para novos projetos de valorização da cultura negra, tais como os das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, aprovada pelo Conselho Nacional de Educação em 5 de junho de 2012. Cabe ressaltar que essa iniciativa abrange alunos de comunidades quilombolas que podem estar ou não dentro de seus territórios.

No que tange às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (2012), esta define a Educação Escolar Quilombola do seguinte modo:

A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requeendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnicocultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, deve ser reconhecida e valorizada sua diversidade cultural (Brasil, 2012, p. 42).

Conforme é possível observar, a Educação Escolar Quilombola deve considerar todo um conjunto de aspectos, pois cada quilombo tem sua especificidade, e nesse sentido, a formação do quadro de professores deve ser levada em consideração, pois se faz mais viável que os docentes sejam oriundos do próprio quilombo, como propõe as diretrizes no Artigo 48: “A Educação Escolar Quilombola deverá ser conduzida, preferencialmente, por professores pertencentes às comunidades quilombolas” (Brasil, 2012, p. 16). Nesse sentido, a proposta das diretrizes é tornar a educação o mais próximo possível da realidade do aluno, acredita-se que com professores quilombolas, atuando em território remanescente trará representatividade perante as crianças da comunidade na aceitação de sua raça e no fortalecimento de suas raízes.

No quilombo Saracura, os professores e a administração são maioria da comunidade, somente dois, dos dezesseis funcionários da escola, não são da comunidade. Tal

questão se observa no PPP da Escola Nossa Senhora do Livramento, pois tanto os docentes, quanto a própria gestão da escola do quilombo têm formação na área que exercem e isso tem trazido pontos positivos no que se refere à valorização da cultura negra e o orgulho de suas origens, indo ao encontro do que prevê o artigo 8º inciso IV das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.

No que concerne aos princípios que regem a Educação Escolar Quilombola, as diretrizes demarcam a garantia de direitos do povo negro e quilombola, como, por exemplo, o direito a igualdade, a educação e ao respeito, além da valorização da diversidade étnico-racial, superação do racismo e de prática de machismo e da homofobia, e sobretudo, direito dos estudantes, dos profissionais da educação e da comunidade de se apropriarem dos conhecimentos tradicionais, etc.

Ainda de acordo com os princípios das diretrizes, é responsabilidade financeira da União, estados e municípios, a aquisição e distribuição de materiais de valorização a cultura quilombola através de livros, da elaboração de material didático, da formação continuada de docentes, além das diretrizes garantirem participação das lideranças quilombolas nas pautas que lhes são de interesse, com representações em todos os órgãos e espaços.

No que tocante à organização na escola quilombola, as diretrizes deixam a ação pedagógica a critério da gestão escolar, de modo que ela se comprometa com a excelência de aprendizagem, com boa metodologia, tendo séries anuais, períodos semestrais, ciclos, e alternância regular de períodos de estudos com tempos e espaços específicos e grupos não-seriados, como formas variadas de adequar o ensino conforme as peculiaridades e necessidades do local, garantindo assim, bons resultados.

Para a Educação Infantil, as diretrizes enfatizam a importância da participação das famílias, dos grãos e de líderes comunitários no processo de desenvolvimento educacional infantil, deixando as instituições de ensino à vontade para decidir qual melhor metodologia deve incluir, tais como artes, música, teatro, de acordo com a faixa etária e realidade sociocultural do quilombo.

No que tange a Educação Quilombola no Ensino Médio, as diretrizes garantem que é dever do Estado ofertar de forma gratuita um ensino de qualidade a todos, além proporcionar aos estudantes participação em projetos de estudo, trabalho e atividades pedagógicas por meios dos projetos pedagógicos que devem considerar primordialmente a realidade e o dia a dia dos estudantes.

Em relação a Educação Especial no cenário da educação quilombola, compreende uma previsão autêntica ao tornar obrigatório o direito de acesso, de acessibilidade, atendimento

educacional especializado, além de garantir que o estudante conclua seus estudos. Tais questões estão expostas no Artigo 22, parágrafo 6 das diretrizes. Já a Educação de Jovens e Adultos no contexto quilombola deverá assegurar a sustentabilidade, com formação para atuar em atividades profissionais, como forma de garantir o protagonismo e fortalecimento do território. Por outro lado, a Educação Profissional Técnica de Nível Médio busca contribuir para a autonomia do território quilombola tanto social, política e economicamente.

No que se refere ao Projeto Político Pedagógico para a Educação Escolar Quilombola, as diretrizes corroboram com o caráter de importância que este deve ter a escola, pois é um documento formativo e deve contemplar as especificidades e saberes do local, assim como a participação de toda comunidade escolar na construção desse projeto. Tal veracidade está expressa no Artigo 31, inciso IV das Diretrizes.

No que concerne à Formação Continuada e Profissionalização dos Professores para atuação na Educação Escolar Quilombola, as diretrizes pontuam que a admissão de docentes para o contexto quilombola se dá por meio de concurso público, e que, preferencialmente, esses cargos sejam ocupados por docentes oriundos do quilombo.

Ainda sobra a Educação Escolar Quilombolas, o ensino deve ser pensado no sentido de elaborar encontros de formação para debater sobre a luta, história e a superação do racismo, criando assim laços entre escola e comunidade.

É necessário que haja essa ponte para a educação no quilombo, pois através desse respaldo os professores conseguem desenvolver práticas voltadas para a realidade do aluno de forma didática e inclusiva, de modo que cerne seja a valorização das raízes do quilombo e a autoestima de crianças e adolescentes na aceitação do pertencimento à raça negra.

3.2 Educação Quilombola em Saracura: o Projeto Político Pedagógico da Escola Nossa Senhora do Livramento

Falar em Educação Escolar Quilombola para uma escola localizada em território quilombola, mais precisamente no quilombo Saracura, um lugar rodeado por ancestralidade e resistência desde sua origem, é um misto de sentimentos, pois traz recordações do tempo de escola em que não se ouvia falar em uma educação voltada para o povo negro, tampouco em práticas de valorização do negro.

No que concerne aos materiais didáticos, estes eram quase raros e precisavam ser utilizados por mais de um aluno durante as aulas, tamanha ausência de melhores condições. Além de serem poucos, os materiais sequer contemplavam a realidade local daqueles

estudantes. De lá para cá houveram pouquíssimas mudanças, no entanto, é possível notar alguns avanços em relação à educação quilombola, com práticas mais voltadas para a identidade da comunidade, onde se acredita que a identidade comunitária e educação precisam andar de mãos dadas para que se obtenha êxito. Ainda nessa linha de pensamento Silva (2012) reflete sobre educação e identidade:

[...] durante a pesquisa, trouxe para as nossas reflexões questões que passam pelo imaginário dos quilombolas mergulhados na realidade descrita e que se alojam no saber e na cultura local e também daquilo que poderia ser entendido como parte de um conjunto de características estruturadas e reestruturadas, como pressupostos do grupo para manter as suas tradições e sua identidade (Silva, 2012, p.114).

Nesse viés, trago para a discussão a luta e a organização da comunidade, com as práticas educacionais que se entrelaçam na busca por melhorias através de políticas públicas, uma vez que a comunidade conheceu seus direitos e através deles conseguiram projetos de grande impacto para o quilombo. A própria educação dentro do território é um ponto positivo na luta por direitos da comunidade, pois já há um ensino mais completo no que diz respeito à oferta de ensino, haja vista possui a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Nesse sentido, destaco que as mudanças são possíveis perante aos órgãos competentes, e as chances de conseguir políticas públicas voltadas para o quilombo se tornam bem maiores.

Diante do que foi exposto, analisarei o Projeto Político Pedagógico da Escola Nossa Senhora do Livramento, com ênfase para o ensino de língua portuguesa no material didático, nas ações pedagógicas e nas metodologias do PPP. O Projeto Político Pedagógico é entendido, pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (2012), como uma expressão da autonomia e da identidade escolar, além de ser considerado primordial para a garantia do direito a uma Educação Escolar Quilombola com qualidade social.

O Projeto Político Pedagógico da Escola Nossa Senhora do Livramento, do quilombo Saracura, com período de vigência de 2022 a 2025, teve como relatores o conselheiro Antônio Leudivan Costa Souza, o conselheiro coordenador, Jackson Vasconcelos e Silva, e a assessoria técnica Greice Jurema de Freitas Goch. A gestão escolar conta com licenciados em pedagogia, letras/inglês e matemática, além de curso técnico em secretariado.

O corpo docente é formado por graduados em pedagogia, português e inglês, história e geografia; pós-graduação em educação infantil, educação física e metodologia do ensino de libras, além de mestrandas em educação, sendo alguns cargos ocupados por

temporários. O corpo de apoio é formado por licenciados em pedagogia e geografia, além de engenharia da pesca (cursando), e ensino médio. Alguns cargos são ocupados por temporários.

No que se refere à formação continuada de seus docentes, segundo o PPP, a escola promove através de semanas e encontros pedagógicos, palestras, seminários e mesas redondas no período intervalar de seis meses, ou quando há necessidades imediatas. A escola, em parceria com a comunidade, promove ações coletivas por entender a eficácia do processo educacional ao juntar, escola, família e comunidade, são realizadas as seguintes atividades: palestras educativas; reuniões de pais/responsáveis; programação dia dos pais; projeto jogos olímpicos; projeto dia das crianças; dia do estudante; festival folclórico; independência do Brasil; aniversário da escola; semana da consciência negra; festividades da padroeira; coletas seletivas na comunidade; dia das mulheres.

No tocante ao Plano de Ação, correspondente de 2022 a 2025, este prevê a meta de alfabetização de alunos do 2º ano do fundamental, além de reduzir a defasagem de alunos do 2º ao 9º ano através de ações que fortaleçam a participação e a autoestima dos alunos que são defasados e que estão fora da idade-série. Outra meta é para o processo de desenvolvimento de leitura e escrita com todos os alunos da educação infantil e ensino fundamental. A coordenação propõe o desenvolvimento de rodas de leitura, leitura individual e coletiva, paródias, contação de histórias, além de promover atividades que estimulem a oralidade, escrita e a leitura.

A gestão escolar também tem como meta, o desenvolvimento de leitura africana, histórias vivenciadas na realidade pelos alunos dentro do quilombo, respaldadas fundamentalmente pela lei 10.639/2003. Outra ação importante, é o desenvolvimento de projetos que elevem a autoestima e reafirmem a identidade étnico racial dos educandos, e nesse sentido, a coordenação planeja desenvolver essa questão juntamente com a comunidade através de projetos que resgatem a afirmação da identidade quilombola.

Como podemos perceber, a Escola Nossa Senhora do Livramento, do quilombo Saracura, tem uma proposta política e democrática que envolve a participação da gestão, secretário, professores, alunos, pedagogos e da liderança comunitária. Para uma escola quilombola e ribeirinha, a parceria com a comunidade e lideranças tem tudo para trazer bons resultados, afinal é o que propõe o Artigo 39, inciso 1º das diretrizes, em que defende ser imprescindível o diálogo entre as lideranças da comunidade e escola, a fim de que gestão possa considerar os aspectos históricos, políticos, sociais, culturais e econômicos do qual a escola está inserida.

Apesar das recomendações, acredita-se que assim como em outras instituições de ensino, a participação das famílias no âmbito escolar não é como deveria ser, normalmente as

famílias que menos se envolvem são as que mais precisam de auxílio, por isso se faz necessária políticas que alcance o maior número de famílias na comunidade em todos esses aspectos.

A escola atualmente tem um total de 138 alunos, sendo que 15 alunos da Educação Infantil e 123 são do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental de 09 anos. A escola conta com o apoio de três embarcações para transportar alunos, sendo uma lancha escolar que faz a rota da ponta de cima da comunidade (manhã e tarde); uma bajara que transporta alunos da Ilha do Palhão (manhã e tarde); e um barco que faz a rota da ponta de baixo da comunidade (manhã e tarde). Em relação ao transporte escolar, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (2012), pontuam que se faz necessário adotar métodos que facilitem o deslocamento do aluno, com trajetos curtos e seguros. Além disso, o documento também expõe a necessidade de dar um amparo maior aos estudantes das comunidades que possuem condições especiais. No quilombo Saracura isso se faz valer, pois já há uma embarcação específica que funciona como transporte escolar para os estudantes dali.

A escola tem como missão promover a formação intelectual dos alunos através de conhecimentos oportunizando a apropriação de saberes científicos e culturais para que possam atuar como agentes de transformação de sociedade, agindo como cidadãos conscientes e responsáveis. Segundo o PPP, o objetivo principal da Escola Nossa Senhora do Livramento é promover uma educação inovadora através de práticas pedagógicas que permitam a reflexão-ação-reflexão e que oportunizem a aprendizagem significativa para formar cidadãos criativos, críticos, éticos, participativos e solidários, que aprendam a aprender, aprendam a ser e a conviver em sociedade. Também é objetivo da escola, discutir e valorizar a história do negro em Santarém, no Pará, no Brasil e no mundo, buscando dialogar sobre os temas transversais e suas grandes contribuições no convívio social, combate à discriminação e ao racismo.

É esperado que se obtenha resultado positivo quanto às metas impostas. Cabe ressaltar que esses resultados não serão a curto prazo, mas chegam sim a projetar uma outra realidade para a escola do quilombo Saracura. Também é válido lembrar que a parceria comunidade e escola é chave na busca por esses resultados positivos no que se refere a educação dentro do quilombo, uma vez que, a história do quilombo é a identidade dos seus moradores, então não há como fazer educação antirracista deixando de lado a memória, a história, o contexto ao qual a escola está inserida. Por isso a necessidade a escola estar reacendendo sempre a luta e resistência do povo negro através da educação escolar quilombola para que a cultura, memória e ancestralidade esteja viva sempre.

3.3 Ensino de Língua Portuguesa como parte da educação quilombola

Quando falamos em educação quilombola, na perspectiva de construir avanços educacionais, o ensino de língua portuguesa se torna imprescindível devido a sua relevância para o campo educacional, e mais ainda para a educação escolar quilombola. A língua portuguesa é essencial na elaboração do Projeto Político Pedagógico de uma escola quilombola para escrever, analisar, interpretar e torná-lo didático para que todos que tenham acesso a ele consigam compreender o que nele está proposto, podendo concordar ou discordar das metas que nele estão estabelecidas, pois a comunidade precisa participar da sua elaboração. Além disso, é essencial professores capacitados no ensino de língua portuguesa para o cenário quilombola, no entanto, ainda não é uma realidade nas escolas quilombolas profissionais formados para essa realidade.

Referente ao que foi exposto, o artigo “Formação de Professores de Língua Portuguesa para Contexto Quilombola do Brasil: diálogos com Pesquisas Atuais”, de Santos e Silva (2019), busca refletir sobre como está a formação de professores para o ensino de língua portuguesa, tendo como foco a educação quilombola. É fato que o ensino de língua portuguesa vem passando por várias transformações ao longo do tempo, e o professor precisa se preparar para as mudanças que ocorrem, e para isso necessita de uma estrutura de que lhe dê suporte na busca pelo conhecimento com formações voltadas para essa área, dando prioridade para os povos remanescentes e com uma estrutura que contemple todas as necessidades locais.

No que diz respeito ao artigo de Santos e Silva (2019), o segundo tópico do texto descrito como *Formação do Professor de Língua Portuguesa e sua Atuação em Contexto Quilombola*, destacam a importância do ensino aprendizagem, e como a formação de professores de língua portuguesa pode estar contribuindo para isso. Há a necessidade de se formar discentes críticos e conhecedores de seus direitos e deveres em uma sociedade ainda racista.

Ainda segundo os autores, a metodologia adotada e a trajetória do professor farão toda diferença na vida pessoal e acadêmica do aluno, por isso a importância de professores originários do próprio quilombo. A dificuldade em abordar temas relacionados ao quilombo será menor se comparado a quem não vive aquela realidade, além disso, a convivência com os alunos lhes permitirá trabalhar tais temas. Santos e Silva (2019) pontuam: “o fracasso nesse processo está relacionado a vários fatores como a formação do professor e a concepção de linguagem assumida por esse profissional.”

No decorrer do texto os autores levantam a questão principal do tópico que é a formação de professores para contexto quilombola. Segundo eles, há a necessidade de formar professores abertos ao diálogo com os alunos, dando a eles a autonomia de falar e não somente de ouvir, transformando-os assim em discentes críticos, mas é necessário que o Estado dê aval ao professor para que dessa forma se rompa com o ensino tradicional. Ainda segundo os autores, para a educação chegar a nível igualitário, é fundamental que o professor a tenha emancipação de dialogar com os alunos, rompendo com essa educação tradicional que tira a autonomia de ensinar de forma didática e mais eficiente, em que se promova também uma educação antirracista.

No terceiro tópico intitulado *Desafios para o ensino de língua portuguesa em contextos quilombolas*, os autores trazem de início os desafios que serão enfrentados pelos docentes ao pensar em uma educação étnico-racial, no entanto, também trazem as possíveis soluções para tal. Santos e Silva (2019) afirmam que os desafios no ensino de língua portuguesa em um contexto quilombola são vários, como o da compreensão sobre a qual concepção de linguagem o professor ensina, pois, a escolha dessa impacta na aprendizagem e valorização dos saberes do aluno quilombola. Segundo os autores, para a eficácia do ensino de língua portuguesa em contexto quilombola, faz-se necessário, enquanto docente de linguagem, não somente defender uma educação diferenciada, mas sim fazer a diferença, colocando-a em prática, assim como o rompimento com as bases eurocêtricas, o que permitirá o protagonismo aos saberes locais.

Desse modo, percebe-se o quanto é imprescindível o professor de língua portuguesa entender que a sua metodologia de ensino pode transformar o espaço. Sabe-se que não serão resultados alcançados a curto prazo, mas que serão percebidos no dia a dia, e com um trabalho árduo e comprometido é possível ter resultados positivos. Cabe destacar ainda que é preciso olhar para o professor de língua portuguesa somente como um professor que ensina a memorizar gramática, mas que por meio dele grandes mudanças serão possíveis na educação quilombola, fará com que muitos possam externalizar seus anseios depois de anos de silenciamento.

Nesse sentido, o Projeto Político Pedagógico é essencial para garantir que se faça um ensino voltado para a realidade da qual a escola está inserida, traçando metas que corroboram para o ensino de língua portuguesa e, sobretudo, para a identidade local. Esse aspecto vai ao encontro com os princípios da Educação Escolar Quilombola, pois o artigo 8 da resolução 8º de 2012 garante: “VIII- implementação de um projeto político-pedagógico que considere as especificidades históricas, culturais, sociais, políticas, econômicas e identitárias das comunidades quilombolas.”

Na concepção de Sabadini (2021, p.15), o projeto político pedagógico nada mais é do que um desejo criado de maneira coletiva que nasce de uma necessidade real e precisa ser reflexivo, e para isso se torna necessária a criação de um plano de ação com olhares futuros. Ele deve ser construído coletivamente, além de ser compartilhado para todos que o interessem. Além disso, é um documento essencial que mostra um compromisso democrático por parte dos professores, gestores, pais e também para a comunidade na qual aquela escola está inserida. Nas Diretrizes Curriculares para Educação Escolar Quilombola (2012), o projeto político pedagógico, entendido como expressão da autonomia e da identidade escolar, é primordial para a garantia do direito a uma Educação Escolar Quilombola com qualidade social. Tanto a concepção de Sabadini (2012) quanto às diretrizes mencionam a importância do PPP para garantia de direitos.

Nesse sentido, no que concerne à discussão do PPP, analiso o Projeto Político Pedagógico da Escola Nossa Senhora do Livramento, do quilombo Saracura, escola essa localizada em território quilombola cercada de águas e de ancestralidade. Nesse viés, cabe ressaltar a necessidade do PPP em atender a comunidade, bem como seus moradores no sentido de enaltecer sua identidade e raízes, eternizando, principalmente, as histórias narradas pelos “griôs”³, utilizando-se da língua para repassar essas narrativas e assim dar continuidade à toda uma história de resistência, identidade e memória do povo.

Considerando os aspectos do ensino da língua, leitura e literatura nas Diretrizes Curriculares para Educação Escolar Quilombola e no PPP da Escola Nossa Senhora do Livramento, o artigo 14 da resolução nº 8 de 2012 propõe que “a Educação Escolar Quilombola deve ser acompanhada pela prática constante de produção e publicação de materiais didáticos e de apoio pedagógico específicos nas diversas áreas de conhecimento, mediante ações colaborativas entre os sistemas de ensino” (Brasil, 2012, p.8). Encontra-se no PPP a presença direta do ensino de literatura e língua como meta da gestão e das entidades comunitárias para a preservação da identidade do povo, tendo a Lei 10.639 como base: “promover a literatura africana histórias vivenciadas na realidade pelos alunos dentro do quilombo, respaldados pela Lei 10.639/2003”, na qual se dará através de palestras, orientações, reuniões pedagógicas e divulgação.

Embora no PPP não esteja mencionando alguns projetos voltados para a leitura e valorização negra, há alguns desenvolvidos pelas professoras de língua portuguesa e pedagogia, segundo elas chamados de “sacola viajante” e “bote da leitura”, além de desfiles, poesias e

³ São as pessoas mais idosas do quilombo, guardiãs dos saberes tradicionais.

danças. Os projetos, tem como objetivo incentivar a leitura e produção textual, além de promover a valorização da cultura negra, segundo as professoras essas atividades são realizadas durante todo o ano letivo, não somente em datas comemorativas como o dia da Consciência Negra, por exemplo.

Segundo o PPP, a Escola Nossa Senhora do Livramento tem como meta alfabetizar 100% dos alunos ao final do 2º ano do Ensino Fundamental, além de buscar desenvolver a leitura e a escrita com todos os alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental. Para alcançar tais metas está prevista a promoção de atividades que estimulem a oralidade, escrita e a leitura, além de desenvolver rodas de leitura, leitura individual e coletiva, paródias, contação de histórias, etc. No entanto, observou-se que no PPP há apenas um projeto que contempla o ensino de língua portuguesa e está sendo desenvolvido de forma regular, ao contrário dos outros que são desenvolvidos apenas em dia.

O projeto em questão, cujo título é “Literatura em Movimento: uma proposta para a circulação de livros (literários) em uma comunidade quilombola”, da professora de língua portuguesa Jamile Castro dos Santos. O projeto tem como objetivo organizar um espaço de leitura, promover e circular os livros, principalmente, os literários através de ações e formações no quilombo Saracura, buscando a experiência leitora e estética. Tendo em vista que o trabalho é realizado no quilombo Saracura, possui como metodologia, a verificação do vínculo com o lugar e os comunitários; entrevistas com lideranças para estabelecer estratégias de trabalho; rodas de conversa e produção de relatos; registro de campo e diário de bordo, etc.

Ainda segundo o PPP, o projeto está em funcionamento na escola, atualmente a professora Jamile trabalha em parceria com a professora Gleicynara Oliveira Rabelo na execução do projeto. A biblioteca foi inaugurada e recebeu o nome de Jeremias Cardoso em homenagem a um aluno que faleceu precocemente de forma trágica. Os alunos emprestam os livros e tem um prazo para devolver e só podem emprestar novamente mediante a devolução do já emprestado ou podem ler na biblioteca. No terceiro capítulo será abordado mais sobre o assunto e a trajetória das professoras citadas.

Nesse sentido, é necessário destacar a importância dos professores de língua portuguesa no contexto quilombola, uma vez que não é fácil o acesso a materiais didáticos específicos para a comunidade. Além disso, o docente precisa se reinventar e buscar novas formas de ensino, fazendo cumprir o que estabelece a Lei 10.639, que segundo o PPP da escola Nossa Senhora do Livramento é o que as duas professoras citadas acima estão buscando implementar. É válido ressaltar que os desafios na escola quilombola não se resume apenas a ausência de materiais de apoio e didático, mas também de necessidades básicas, como uma boa

infraestrutura, água potável, energia, etc. Apesar das dificuldades e constantes desafios, a escola precisa dar continuidade às atividades na tentativa de tornar a educação quilombola didática e inclusiva.

Por todos esses aspectos, retomo o que foi discutido no primeiro capítulo sobre a origem, história de conflito e resistência do quilombo Saracura, e como o ensino de língua portuguesa se entrelaçam na perspectiva de perpetuar de geração a geração o legado de luta dos ancestrais, que em muito contribuíram para a origem do quilombo, dando a cada um a identidade de um povo guerreiro, resistente e inteligente. O professor de língua portuguesa desempenha papel importante na preservação da memória ancestral e na continuidade das políticas públicas adquiridas e nas que poderão existir.

Nesse sentido, ter o (a) professor (a) originário (a) do próprio quilombo trará maior representatividade perante aos alunos, e dessa forma fazer com que eles se envolvam nos engajamentos da comunidade. Com a metodologia correta e com as representatividades do quilombo, os jovens passam a ter maiores convicção de seus direitos, além de se tornarem responsáveis em preservar a cultura e história de seu próprio povo e do seu território.

4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS DAS PROFESSORAS DO QUILOMBO DE SARACURA

Tendo em vista que no segundo capítulo desse trabalho se discutiu sobre as dificuldades e desafios para o ensino de língua portuguesa na escola Nossa Senhora do Livramento do quilombo de Saracura. Neste terceiro capítulo tenho com objetivo, analisar as transcrições das entrevistas realizadas no dia 02 de junho de 2023, na escola Nossa Senhora do Livramento, concedidas pelas professoras Gleicinara Oliveira Rabelo e Jamile de Castro Santos, ambas nascidas e criadas no quilombo de Saracura, onde atuam como docentes de língua portuguesa.

As professoras Gleicinara e Jamile serão protagonistas deste capítulo, no qual será abordado suas trajetórias tanto na educação básica quanto nos ensinos médios e superior, além das experiências de trabalhar na escola quilombola com o ensino de língua portuguesa, literatura e cultura em contexto escolar quilombola. Busco também destacar a importância e a valorização do trabalho das professoras no ensino de língua portuguesa em contexto quilombola, tendo em vista os obstáculos que cercam a educação escolar quilombola, tanto os aspectos culturais, sociais e econômicos, como citados no segundo capítulo dessa pesquisa.

4.1 Trajetórias escolar das professoras até a universidade

Ao analisar os fatos, parece clichê dizer o quanto a educação de qualidade é importante para que se construa uma sociedade democrática, principalmente no âmbito escolar quilombola, no qual vidas podem ser transformadas de forma positiva quando se têm oportunidades. Diante disso, trago para análise a trajetória escolar, até o ingresso a universidade, das professoras Gleicinara e Jamile, que assim como muitos negros e quilombolas, enfrentaram muitos obstáculos para terem acesso à educação básica. Sobre essa questão, essa primeira etapa na educação foi concluída com muito sacrifício e força de vontade, bem como explica a professora Jamile:

Mas falando dessa minha trajetória, sem contar os percursos que nós fazíamos às vezes por conta dos transportes que nós não tínhamos, que é outro problema também, nós vínhamos aqui dessa comunidade, remando longas distâncias *pra* chegar até na escola, e às vezes fazia sol ou chuva a gente tinha que chegar remando, porque o transporte não fazia esse percurso no período das férias, então, quem tinha canoa vinha, quem não tinha colega vinha trazendo assim a gente ia, para concluir o ensino médio (Jamile castro, professora quilombola, em entrevista realizada em 02 de junho de 2023, na Escola Nossa Senhora do Livramento).

Percebe-se na fala da professora Jamile o tamanho da dificuldade enfrentada pelos alunos do quilombo, assim como de outras comunidades ribeirinhas não quilombolas, para terem acesso à educação. É válido destacar que essa dificuldade mencionada pela professora Jamile é apenas uma das inúmeras outras enfrentadas por eles. Outras dificuldades que podem ser expostas quanto à educação básica dentro do quilombo é a ausência de uma educação inclusiva, pois várias escolas localizadas em quilombos ou áreas ribeirinhas não são beneficiadas e nem possuem estrutura para trabalhem de forma inclusiva com os alunos deficientes, por exemplo.

Nessa questão, é possível perceber o abismo que existe entre a educação ofertada para uns e a que é ofertada para outros. Cabe ressaltar que um ensino modular funcionando na comunidade é motivo de alegria, mas é válido que esse mesmo ensino possa ser mais igualitário para todos os alunos. Tal questão pode ser notada na fala da professora Gleicinara:

Eu cursei o ensino fundamental 1 e o ensino fundamental 2, e no ensino médio na modalidade modular, né, que é uma questão promovida pelo estado em parceria com as escolas do município que funciona como anexo. E então essa modalidade modular, ela ocorre por módulos, é como o nome já diz, então é uma formação aligeirada, né! não tem o tempo determinado que é pra ser, igual como o regular, então é uma formação muito rápida, acaba que sem contar, que algumas vezes que os professores que passam pela comunidade, não são da comunidade, passam de forma muito rápida, alguns até de forma descomprometida mesmo, que não cumprem com a carga horária estabelecida, com os conteúdos que é pra ser ministrados, então eu acredito que essa formação do modular é uma educação um pouco fragilizada (Gleicinara Oliveira, professora quilombola, em entrevista realizada em 02 de junho de 2023, na escola Nossa Senhora do Livramento).

Conforme a fala da entrevistada, é possível perceber a fragilidade da educação nas comunidades e nos quilombos. O ensino médio modular que funciona na comunidade é um ensino defasado quanto à metodologia utilizada, pois não prepara os alunos para o ingresso a universidade, tampouco contribui para permanência dentro dela. O ensino oferecido não possibilita competir de igual para igual com quem estudou em uma escola na cidade de forma regular, as oportunidades não são as mesmas para todos. Sobre isso a professora Jamile diz o seguinte:

O ensino médio em partes foi bom que a gente conseguiu concluir essas etapas, mas elas foram muito mal feitas na formação mesmo e eu acredito que nem para o ENEM, o ensino médio nos preparou, então hoje eu consigo observar muito porque quando a gente chegou na universidade, eu me deparei com essas dificuldades, de produção textual, de falta de leitura que eram pra ser feitas no ensino médio na educação básica e nós não tivemos. (Jamilé castro, professora quilombola, em entrevista realizada em 02 de junho de 2023, na escola Nossa Senhora do Livramento).

A fala da professora Jamile nos diz muito sobre a falta de políticas voltadas de forma inclusiva e que considere a realidade local, ou seja, um ensino pensado para “facilitar” a formação de alunos dessas localidades. Essa questão, de ter um ensino mais inclusivo para estudantes de quilombo, ainda é utópica, e apesar de existir uma política (ineficaz quanto à sua prática) esses alunos são os mais prejudicados, pois se deparam com um ensino precário, sem preparo para a graduação, bem destaca a professora Jamile.

De acordo com o que foi dito, destaco agora a trajetória da professora Gleicinará no curso de Pedagogia, e da professora Jamile no curso de Letras, levando em consideração que são quilombolas e estudaram no ensino modular. Segundo elas não foi fácil ingressar na graduação, resalto que a professora Gleicinará cursou a graduação em instituição particular, pois apesar das diversas tentativas de ingressar em uma instituição pública através do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), o déficit no ensino básico foi um empecilho para essa conquista. Já a professora Jamile ingressou na graduação por meio do Processo Seletivo Especial Quilombola (PSEQ), processo esse oferecido pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), que tem como objetivo facilitar o acesso de pessoas quilombolas à graduação.

Referente ao PSEQ, a professora Jamile atribui sua entrada na graduação ao Cursinho Quilombola, coordenado pelo professor Luiz Fernando, que auxiliou vários estudantes no ingresso e na permanência a universidade, além de, como bem salientou a professora, possibilitar o contato com textos e autores que retratam a nossa realidade. Dentre esses autores, a entrevistada cita Eurípedes Funes, pois seus textos são voltados para o protagonismo negro e quilombola, ele aborda das lutas e resistências das comunidades e quilombos em seus trabalhos.

4.2 Trajetórias nos cursos de Letras e Pedagogia

No que concerne às trajetórias no curso de letras, a professora Jamile lembra que o curso de Letras nunca foi seu sonho, almejava o curso de Direito como primeira opção, mas sempre ouvia falar da área de Letras, apesar de não saber para o que servia o curso. A professora levanta uma questão bem importante quanto aos cursos ofertados pelas instituições e que oferecem cotas, ela questiona que na divulgação dos cursos as universidades não apresentam de forma acessível os conteúdos/disciplinas que serão estudados durante a graduação. Isso, segundo ela, facilitaria na escolha do curso, pois daria um primeiro vislumbre do que o aluno iria estudar.

A fala da entrevistada é bastante necessária, visto que os alunos das comunidades não têm esse entendimento (e nem são orientados para tal) e ao escolherem um curso se deparam como uma realidade totalmente diferente da que imaginavam, com disciplinas e trabalhos que por vezes não conseguem dar conta. Ainda sobre essa questão, a professora menciona que desconhecia a relação de Letras com a sala de aula, tampouco que o curso seria para a atuação na disciplina de Língua Portuguesa.

Na realidade da graduação, a professora se deparou com as dificuldades, tais como fazer resenhas, artigos, além de não saber manusear as tecnologias digitais utilizadas para facilitar as aulas e o próprio estudo. Cabe ressaltar que para o aluno dos quilombos, essas tecnologias não fazem parte de suas realidades, o que torna o uso um grande empecilho, ainda mais pelas circunstâncias nas quais utilizadas no ensino superior. Além disso, a parte financeira é um outro fator que dificulta a permanência na faculdade, o qual também foi mencionado pelas duas professoras durante o percurso na universidade.

A professora Gleicinara lembra que para se manter no curso de Pedagogia precisou trabalhar, pois como já mencionado, ela cursou o ensino superior em uma instituição privada. Além de estudar, precisou dividir seu tempo com o trabalho para conseguir pagar a faculdade, aluguel, alimentação e transporte. Para a professora Jamile isso também pesou, visto que não trabalhava e não recebia nenhuma bolsa da UFOPA e a bolsa MEC. Demorou cerca de 3 a 4 meses para receber depois que entrou na universidade, durante esse tempo ficou dependendo da ajuda de seus pais e de sua prima. Assim como a professora Jamile, a professora Gleicinara sentiu na pele a falta de preparo no ensino modular para o ingresso à universidade.

4.3 Experiências de trabalho na escola quilombola: dificuldades e superação

As professoras entendem que ter uma base sólida no ensino básico é primordial para conseguir enfrentar as dificuldades que são encontradas ao ingressar na universidade. As dificuldades também são sentidas após a conclusão do curso, uma vez que o mercado de trabalho para professores recém-formados é escasso. É importante destacar que ambas professoras atuam de forma temporária na escola, e que o contrato encerra no final do ano letivo.

A professora Gleicinara tem mais anos de experiência, pois antes de lecionar na escola do Saracura, atuou na escola do quilombo de Arapemã, e atualmente trabalha na escola do quilombo Saracura com turmas do terceiro e quarto ano. Apesar de ser formada em pedagogia, a professora relatou que trabalha com várias disciplinas, inclusive com o português.

Já a professora Jamile tem apenas nove meses de experiência, e a escola do quilombo está sendo seu primeiro trabalho na sua área. A professora trabalha com turmas do sexto ao nono ano com língua inglesa, e do sexto ao sétimo ano com língua portuguesa.

Quando perguntadas sobre como é atuar em uma escola dentro do próprio quilombo em que residem, as professoras demonstram alegria e gratidão, entendem que é uma forma de dar retorno para a comunidade, e ao mesmo tempo demonstram frustração ao falarem das dificuldades que encontram ao tentar implementar um ensino antirracista, com a falta de material de apoio voltados para a temática quilombola, assim como a falta de formação de uma formação continuada para poderem lidar com as situações que presenciam em sala de aula.

Ainda sobre isso, além de enfrentar os desafios no processo de formação docente, os professores oriundos do quilombo, muitas das vezes também enfrentam o descrédito dos moradores pelo fato de achar que o vem de fora passa maior confiança, passando a não valorizar o trabalho daqueles que são da comunidade, retratando as dificuldades no contexto quilombola.

Além disso, as professoras por vezes precisam tirar dinheiro do próprio bolso para imprimir materiais. Segundo elas, a escola não dispõe de recursos tecnológicos, tais como Datashows ou computadores, fazendo com que os conteúdos sejam copiados no quadro. Essa prática prejudica no andamento da aula, pois consome tempo que poderia ser dedicado a outras atividades da própria disciplina.

A professora Gleicinara levanta outra questão importante, presente inclusive nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (2012), é em relação ao quadro de professores ser do próprio quilombo. Isso traz autonomia para a comunidade, bem como facilita a implementação da Lei 10.639 no ensino da escola, pois as professoras têm a vivência e conhecem a realidade local.

Nesse viés, as professoras buscam alternativas para suprir as necessidades que o ensino quilombola exige, reconhecem ainda que possuem dificuldades para trabalhar a temática quilombola. Para elas, o curso de Letras, assim como o de Pedagogia, não prepara o professor para a prática. Na faculdade há somente o estágio, um período curto para assimilar informações, sem falar que muitas vezes o professor-supervisor da atividade não dá autonomia ou espaço para o estagiário desenvolver as práticas que melhor se adequa àquela realidade.

Segundo a professora Gleicinara, o curso de Pedagogia não prioriza o ensino de cultura afro brasileiras como está presente na Lei 10.639. Nesse sentido, as professoras buscaram métodos e formas de implementar a educação quilombola através de livros que retratam a cultura africana. As professoras destacam ainda que tiveram dificuldades em

encontrar livros e autores negros que trabalham com a temática. A professora Jamile cita o filme “O ódio que você semeia”, forma que encontrou para incluir o ensino afrobrasileiro nas aulas.

4.4 Experiência de ensino de língua portuguesa, literatura e cultura em uma escola quilombola: desafios e prática

As professoras têm buscado alternativas de ensino de língua portuguesa. Uma dessas alternativas é a fabricação de jogos feitos pelos próprios alunos, aproveitando recursos retirados da natureza. As professoras, juntamente com os outros docentes da escola, inauguraram uma biblioteca com o nome Jeremias Cardoso, em homenagem a um aluno morto precocemente e de forma trágica e que abalou toda a comunidade. Segundo a professora Jamile, a biblioteca foi organizada em um espaço cedido pelo diretor. A biblioteca conta 260 livros, sem contar com os materiais teóricos doados pelo Grupo de pesquisa, estudos e intervenção em leitura, escrita e literatura na escola - LELIT/UFOPA, e outros que foram distribuídos pelo governo.

Por isso, para incentivar ainda mais a prática da leitura, literatura nas aulas e fora dela, as professoras se uniram para dar continuidade a um projeto intitulado “Levar a ler a lugares distantes”, desenvolvido pela professora Jamile quando ainda era bolsista do LELIT. Tendo obtido resultados significativos com ele, as professoras Jamile e Gleicinara, em parceria com outros docentes, criaram outros projetos que visam a mesma finalidade. A professora Gleicinara fala dos outros criados a partir desse:

Quando eu entrei na escola tinha um projeto já voltado para a leitura, que foi desenvolvido pela professora Jamile e aí a partir de então eu passei a me interessar pelo tema e também desenvolvi o projeto de leitura chamado: “Sacola Viajante” e a partir de então a gente começou a envolver mais os alunos na leitura, na produção e aí esse projeto foi ganhando rumos, foi formando pessoas, né. A gente percebe que foi uma coisa que deu muito certo, em parceria com outros professores, além do “Sacola Viajante”, agora nós temos o “Bote da Leitura” e com a construção da biblioteca nós conseguimos fazer com que a gente adquirisse um bote, que foi doado pela mãe de uma aluna, a gente tem ele na biblioteca, é uma coisa diferenciada que tem tudo a ver com a cultura e acaba sendo atração e chamando atenção dos alunos. (Gleicinara Oliveira, professora quilombola, em entrevista realizada em 02 de junho de 2023, na escola Nossa Senhora do Livramento).

Além disso, como intuito de resgatar as memórias que ainda existem no quilombo, como é o caso dos griôs – pessoas que tem o conhecimento e muito ensinamento a ser repassado –, as professoras convidam uma pessoa idosa do quilombo para ir um dia da semana na biblioteca e repassar essas memórias ancestrais aos alunos. Dessa forma, a história de seu povo,

a ancestralidade e a identidade do povo negro são compartilhadas com os alunos por meio dessas narrativas orais repassadas pelos mais idosos da comunidade. Ainda segundo elas, a inclusão dos griôs em suas aulas é prioridade, pois acreditam que o ensino de língua e a realidade cultural precisam estar em harmonia para que se possa construir uma educação que valorize a identidade quilombola local.

Ainda de acordo com a professora Gleicinara, são realizadas rodas de conversas nas quais os alunos são convidados a contarem histórias que já ouviram de seus pais ou avós. O quilombo é muito rico nessa parte cultural, pois há, dentro da comunidade, histórias de encantamento e de seres sobrenaturais, o que diversifica a aula e faz com que os alunos participem de forma ativa nas atividades propostas, desenvolvendo neles um maior interesse pela leitura. Com isso, as professoras tentam desenvolver práticas em meios às dificuldades e à escassez de materiais de apoio.

Diante do exposto, o trabalho desenvolvido pelas professoras no ensino de língua e literatura no quilombo merece ser reconhecido e valorizado, uma vez que são oriundas do quilombo e tem buscado alternativas de inserir o ensino afrobrasileiro dentro da escola quilombola, mesmo com as várias dificuldades advindas da educação local.

Em relação à falta de material de apoio e materiais didáticos, mediante a todos os empecilhos, os trabalhos desenvolvidos por elas dão protagonismo para a cultura e os saberes locais, fortalecendo assim a identidade local e buscando desenvolver o hábito de leitura dos alunos. Além disso, procuram proporcionar uma outra realidade a esses alunos, uma que não fazia parte da educação quando elas eram alunas na comunidade e nem na educação recebida no ensino superior - ressalta-se a ausência de estudos mais aprofundados nessa temática.

As professoras acreditam que as universidades podem melhorar nesse quesito, pois podem preparar os professores para as realidades às quais serão expostos. O que acontece é uma teoria dissociada da prática, prejudicando, dessa forma, na construção de uma didática mais inclusiva e igualitária. No mais, para elas também é preciso incluir no curso de Letras disciplinas que abordam mais a fundo essa temática negra na realidade da sala de aula, principalmente para alunos adjacentes de quilombos da região.

Por último, é imprescindível que as comunidades quilombolas estejam mais próximas das instituições de ensino superior (vice-versa), pois, nas palavras da professora, “embora estejamos perto de Santarém, nós estamos distantes desses direitos”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizo esta pesquisa com a sensação de dever cumprido no sentido de mostrar um pouco da realidade do quilombo Saracura, desde sua origem ao ano atual. Para isso, destaquei seus desafios quanto às práticas educacionais de ensino de língua portuguesa e literatura voltada para a educação quilombola. Dessa forma, torna-se crucial que o professor receba a formação necessária para atuar em contexto quilombola, com destaque para um ensino que considere os fatores sociais, culturais e econômicos dos alunos. Para isso, os documentos educacionais orientam sobre essas prerrogativas fundamentais para atuação do docente em uma escola quilombola.

Apesar de alguns avanços, são várias questões que precisam ser levadas em consideração, pois a educação quilombola enfrenta diversos desafios para a sua implementação, tais como a falta de material pedagógico e material de apoio que auxilie o professor no desenvolvimento de ensino, além de, como mencionado, a falta de formação continuada de professores.

Por fim, nesta pesquisa é possível perceber que o fato do quadro docente da escola Nossa Senhora do livramento ser maioria oriunda do quilombo Saracura faz toda diferença nas práticas educacionais da escola, uma vez que, como destacado, as professoras colocaram e colocam em prática ações voltadas para o ensino de língua portuguesa e literatura, além da valorização da memória e saberes locais, algo de extrema importância para que a identidade da própria comunidade continue viva.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da República**, Brasília, DF, 10 de jan. 2003.

BRASIL. MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola**. Ministério de Educação. Câmara de educação básica. PARECER CNE/CEB Nº:16/2012. Brasília, 2012.

FUNES. Eurípedes. **Nasci nas Matas Nunca tive Senhor: História e Memória dos Mocambos do Baixo Amazonas**. Tese de doutorado em História Social da Unicamp, Campinas São Paulo, 1995.

SABADINI, Adriana Sampaio Ramiro, **Ensino da Língua Portuguesa e o Projeto Político Pedagógico**. Revista Mais Educação. Volume 4, número 1, março de 2021.

SANTOS, Aparecida Pereira dos; SILVA, Kléber Aparecido da. **Formação de professores de língua portuguesa para contexto quilombola no Brasil: diálogos com pesquisas atuais**. Revista de letras Fólio, Vitória da Conquista, v. 11, n. 1, p.775-799, jan./jun. 2019.

SILVA, Givânia Maria da. **Educação como processo de luta: a experiência de educação diferenciada do território quilombola de conceição das crioulas**. Universidade de Brasília, 2012.

SOUSA, Wanildo Figueiredo de. A. **Escola e o desenvolvimento social do Quilombo de saracura-Baixo Amazonas em Santarém Pará**, 2015.

APÊNDICES

Apêndice A – Transcrição da entrevista concedida pela professora Gleicinara, no dia 02 de junho de 2023, no quilombo de Saracura, Santarém-pa.

Natalice: Primeiro gostaria que você falasse um pouco sobre a sua origem, se nasceu aqui no quilombo? E a sua família? Se você cresceu aqui? Se mora na comunidade?

Gleicinara: Então, eu sou Gleicinara como você já mencionou e sou quilombola daqui do Saracura mesmo, meus pais e meus avós também eram moradores daqui do quilombo e a minha formação na verdade desde a minha infância é aqui no quilombo.

Eu: Você nasceu aqui também?

Gleicinara: sim

Natalice: Fale um pouco sobre a sua participação aqui na comunidade, além da docência que você já dar aula aqui a sua participação na associação, na igreja, no grupo de mulheres.

Gleicina: Então, além de ser docente no quilombo eu também sou líder, liderança comunitária, faço parte da ACREQSARA, que é Associação de Remanescentes do Quilombo de Saracura, com a função de secretária e a partir de então a gente desenvolve trabalhos voluntários na comunidade, algumas ações tanto educativas, quanto de limpeza, questão de palestras, tudo isso a gente faz, no contexto comunitário, né? Então a minha vivência comunitária é mais com relação a isso, né? nas questões de colaborar de trazer informações, ajudar na formação das pessoas que nos procuram, aquelas que precisam, é nessa forma que a gente atua enquanto comunitário.

Natalice: Fale um pouco sobre a sua trajetória de formação escola. Educação básica, ensino fundamental, ensino médio, quando iniciou? Onde estudou? Quais as dificuldades?

Gleicinara: Então, a minha educação básica ela teve um início aqui no Saracura, né, eu cursei o ensino fundamental 1 e o ensino fundamental 2, e no ensino médio na modalidade modular, né que é uma questão promovida pelo estado em parceria com as escolas do município que funciona como anexo, e então essa modalidade modular, ela ocorre por módulos, é como o nome já diz, então é uma formação aligeirada, né? não tem o tempo determinado que é pra ser, igual como o regular, então é uma formação muito rápida, acaba que sem contar, que algumas

vezes que os professores que passam pela comunidade, não são da comunidade, passam de forma muito rápida, alguns até de forma descomprometida mesmo, que não cumprem com a carga horária estabelecida, com os conteúdos que é pra ser ministrados, então eu acredito que essa formação do modular é uma educação um pouco fragilizada.

Natalice: Como foi seu ingresso na universidade?

Gleicinara: O meu ingresso na universidade aconteceu lá no ano de 2014, 2015 por ali, foi numa universidade particular, eu tentei algumas vezes entrar pelo ENEM, mas não consegui, então tentei acho que umas duas vezes ou três vezes não consegui notas suficientes, né, então acredito que pela falta de não ter uma preparação no ensino médio, de ter uma formação muito rápida, muito fragmentada, então não consegui sucesso em aprovação da universidade pública, então foi por isso a minha opção em fazer uma particular.

Natalice: E quais dificuldades você enfrentou em cursar uma universidade particular?

Gleicinara: O curso que eu escolhi foi pedagogia, e aí algumas dificuldades foram postas, porque sendo filha de pescador, ribeirinho, quilombola que não tem condições de nos manter em Santarém, então eu tive que dividir a minha trajetória, a minha vida né, partes eu tive que estudar e parte tive que trabalhar para poder me manter em Santarém, porque é uma realidade totalmente diferente da nossa e tudo requer muito recursos, eu precisava de recurso para pagar mensalmente a mensalidade e precisava também de recurso para me manter, alimentação, aluguel, transportes, essas coisas toda, esses foram os empecilhos né, não que não seja uma coisa assim tão grandiosa, porque estudar requer tempo, né, estudar é difícil e eu tive que dividir essa questão aí. A outra questão é com relação a universidade que eu tô sentindo muito hoje é que a universidade particular, ela não tem aquela preocupação de formar para o ensino, para a pesquisa, para a extensão e aí ela tem mais o objetivo mercadológico, né de formar para o mercado de trabalho, então é uma formação, queira ou não queira aligeirada também porque visa essa inserção no mercado de trabalho e hoje como eu tô estudando mestrado, eu sinto o quanto foi fraca a minha formação na graduação, coisas que eu teria que ter aprendido na graduação e não aprendi por conta que realmente a universidade, algumas não tem essa preocupação de formar para a pesquisa, para o ensino né.

Eu: Por que a escolha pelo curso de pedagogia?

Gleicinara: Bom, a princípio pedagogia não era minha primeira opção, escolhi primeiramente enfermagem, mas depois fiquei pensando minuciosamente e resolvi ir para o campo da

educação, na verdade eram dois campos na qual eu sempre quis e almejei ou era saúde ou educação, mas o primeiro plano era saúde, então quando iniciei o curso não me identificou, o curso de enfermagem não me identifiquei e eu fiquei pensando e analisando, eu acredito que eu me adequo mais, que eu tenho um perfil mais para a educação e foi por isso minha escolha na pedagogia para trabalhar com pessoas, ajudar na formação escolar das pessoas.

Eu: Como foi sua trajetória no curso de pedagogia?

Gleicinara: A trajetória foi um pouco árdua, desafiadora, né, por conta que como já mencionei fiquei longe da minha família, longe dos meus pais, tive que trabalhar, tive que me esforçar bastante para poder concluir, né, por conta de toda uma situação, de que além de ser particular em algumas coisas atividades, alguns campos não são desenvolvidos na universidade pública, algumas coisas passam muito despercebidas, muitas pessoas não querem saber da onde a gente vem, o que a gente faz, quem a gente é, não querem saber nada disso, não levam em conta, né, não levam em consideração e com isso a gente fica meio inerte em algumas coisas porque não tem aquela formação inicial, né, como tivemos uma formação rápida, formação aligeirada que não nos preparou para isso, então é difícil, estudar também requer tempo, requer dedicação e aí as vezes por ter que dividir esse tempo com o trabalho para poder dar conta de estar na cidade, de morar na cidade, porque como já mencionei meus pais não tinham condição de me manter lá ne, então eu tive que arregaçar as mangas e trabalhar, também por isso eu optei pela particular.

Eu: Você sofreu algum tipo de racismo na universidade?

Gleicinara: Então, assim eu acredito que não aqueles estampados mas existem aqueles casos de racismo que só da pessoa olhar de uma forma diferenciada, de tratar a gente acaba percebendo não assim com palavras, não recebi nenhum desses mas tem uma coisa que me incomoda muito que até hoje, muitas pessoas chamam a gente de morena, né, então as pessoas querem a todo momento nos silenciar, querem amenizar algumas coisas e acabam usando alguns termos para nos diminuir, pra dizer que não é aquilo que não é isso, mas casos assim racistas desses que a gente ver por aí, não aconteceu, aconteceu assim como tô te falando, de olhar, de não querer fazer trabalho e tal, alguma coisa assim desse tipo.

Natalice: Quais pontos positivos você destaca do curso de pedagogia?

Gleicinara: Olha, os pontos positivos como falei anteriormente, né, a universidade em si eu tenho uma grande questão pelo que eu falei, que ela não tem a preocupação de formar para a

pesquisa, para o ensino e para a extensão, né, mas a depender da pessoa, a depender da situação, do envolvimento e do interesse a gente consegue adquirindo algumas coisas, né. Eu acredito que a universidade contribuiu para a minha formação, né, enquanto pessoa, enquanto docente porque a gente vai aprendendo, é uma trajetória que a gente vai construindo e desconstruindo também algumas coisas e ela me ajudou nesse processo de formação, na verdade a gente é um eterno processo de construção, né e aí eu acredito que contribuiu muito nesse processo de docente, de pessoa, de profissional.

Natalice: Qual a avaliação da disciplina do curso que você faz?

Gleicinara: Foram, como estou falando pra ti, de forma bem aligeirada, né, coisas assim que a gente, foi rápido, também teve muitos profissionais excelentes, comprometidos e acredito que foi regular, uma questão, querendo ou não a gente passa por algumas coisas que só depois mais tarde que a gente para pra analisar e ver o quanto, faltou, o quanto foi frágil, o quanto poderia ter sido melhor, o quanto a gente como estudante teria feito diferente e isso aí vem com questão de tempo, com o amadurecimento, né.

Natalice: Você acha que o curso prepara para dar aula no quilombo?

Gleicinara: O curso em si acredito que não. Porque eu não lembro de ter estudado nenhuma disciplina que falasse sobre o que que é pelo menos quilombo, né, é uma das coisas assim que apesar da termos a lei 10.639, que exige o ensino da cultura afro brasileira nas instituições a gente ainda ver pouco; pouca reflexão, pouco estudo, pouca temáticas que abordam isso, então o período que eu estudei não me preparou para isso, mas como eu sou filha e sou quilombola, a gente já vai com uma vivência, a gente já conhece a realidade diferente de uma pessoa, por exemplo, que nunca veio no quilombo, ela teria com certeza bem mais dificuldades do que eu, porque a universidade não prepara pelo menos aonde eu fiz ela não prepara, e é uma crítica que eu faço também que, na verdade algumas é proposital e aí falta, é uma carência muito grande que a gente ver, que a gente tem que as pessoas não gostam de falar sobre isso as pessoas se esquivam pra falar da temática, né, sobre quilombo principalmente ou até desconhece e eu acredito que ainda falta, muitas coisas já estão sendo feitas mas ainda falta muita coisa para ser trabalhado nas universidades.

Natalice: Você acha em que o curso de pedagogia pode melhorar?

Gleicinara: O curso de pedagogia pode melhorar trazendo pra essa questão local e regional, acredito que precisa ter mais discussões, precisa trazer mais temáticas, trazer aulas práticas,

aulas de campo inclusive para conhecer determinados locais e lugares, né, e formar mais para a questão da pesquisa e extensão, porque é uma área que a pessoa vai trabalhar com pessoas, que a gente vai trabalhar com pessoas e então a gente precisa estar preparados pra isso, né, acredito que o curso ele precisa estar melhorando nessa questão de formar pessoas para trabalhar com pessoas, né.

Natalice: Fale um pouco sobre a importância e dificuldade do acesso dos quilombolas a universidade.

Gleicinara: Então, eu sou fruto do primeiro processo seletivo especial para quilombolas no acesso a pós graduação que foi no ano passado de 2022, e é uma questão que não foi de agora existem pessoas, existem movimentos quilombolas que vem lutando para que as ações afirmativas sejam cada vez mais efetivadas nas universidades, né, então passar por esse processo, apesar de ser piloto foi uma coisa muito boa, muito bacana, eu acredito que se não tivesse esse processo não teríamos quilombolas na pós graduação porque nós somos frutos de uma educação fragilizada, né, processo de educação aligeirada e aí se a gente não tiver essas ações que promovam a inserção dos quilombolas na universidade, fica bem difícil, até agradeço os professores que estão na universidade bem como o professor Zair, o professor Luís Fernando, o professor Alan, que são professores que estão lá que defendem, o tema, a temática, que nos querem, porque sabemos que não é todo mundo que querem nos ver na universidade, os próprios professores da universidade não querem, então são poucos professores que abraçam essa causa e que com certeza eles tem feito a diferença na universidade e tem facilitado o nosso acesso na pós graduação.

Práticas pedagógica

Natalice: Você trabalha a quanto tempo na escola? Qual seu vínculo empregatício?

Gleicinara: Eu trabalho desde 2018, eu sou professora, trabalhei com a turma do terceiro ano, porque hoje nós estamos no período de férias, então como professores temporários, então nosso contrato ele se encerra no final de abril mas trabalhei no ano letivo do ano passado com a turma do terceiro ano que na verdade a gente trabalha com todas as disciplinas, né, inclusive a língua portuguesa, estou com essa turma dois anos consecutivos, desde terceiro ano e agora quarto ano.

Natalice: Você ensina apenas língua portuguesa ou trabalha com outras disciplinas?

Gleicinara: Como já mencionei com todas as disciplinas, porque sou professora do ensino fundamental 1, e acaba que abordando todas as outras disciplinas.

Natalice: qual a importância da professora quilombola lecionar na sua própria comunidade?

Gleicinara: primeiro que a gente já temos uma vivência, a gente conhece o nosso lugar, conhece a realidade dos alunos, então muito importante que a gente contribua para a formação dos nossos alunos quilombolas, claro que não só a questão local, mas a questão universal e como falei lá no início da minha fala se uma pessoa por exemplo, que não fosse quilombola, que não tivesse uma vivência que fosse estudar pedagogia sem o mínimo de conhecimento do que é quilombo, com certeza teria dificuldade. Ser professora no quilombo pra mim é muito gratificante, porque eu posso compartilhar da minha vivência e podemos também incluir as outras questões trazer pessoas da própria comunidade que inclusive nos ensinam muito né. Então ser professora no quilombo é uma das coisas mais significante que tem, porque a gente meio que se apropria e falando assim com bastante firmeza sobre aquilo que somos, sobre aquilo que queremos, sobre aquilo que almejamos.

Natalice: como é dar aula de língua portuguesa e literatura em uma escola quilombola?

Gleicinara: primeiro enfatizar que a escola ela não está preparada pra trabalhar com algumas questões, então trabalhar com essa temática na escola ela requer muito da gente porque os materiais que tem eles não abordam essa temática, os livros que vem pra nós são poucos, são frágeis nessa questão da literatura, então a gente busca suporte em outros lugares, a gente pesquisa, buscamos pessoas pra nos ajudar para formar nessa temática porque um dos principais entraves que tem é a questão do material didático mesmo.

Natalice: quais os desafios e dificuldades você tem encontrado na escola?

Gleicinara: são inúmeros os desafios né, ser professora não é fácil porque a gente precisa lidar com uma série de situações, mas dizer que é uma das profissões muito gratificante né que ajuda a formar pessoas. Aqui no quilombo, eu considero que é um lugar tranquilo, a visão de outros lugares que a gente ver nos jornais na televisão, é um dos lugares tranquilo para trabalhar mas não significa dizer que não tenha desafios, né, porque agora nós temos um prédio novo mas até o ano passado por exemplo nós não tínhamos sem um lugar propício para estudar, a educação não tem como fluir como deveria ser né, a questão do transporte escolar ela é regularmente, a questão da merenda também ela contempla nossos alunos, as dificuldades maiores que temos é o insumos para trabalhar.

Natalice: quais os principais desafios e dificuldade da escola no quilombo

Gleicinara: então, uma escola quilombola ela precisa de muitos aparatos, né, a gente senti necessidades para ter, principalmente eu volto a falar da questão do material, sem o material próprio, material apropriado para trabalhar a gente não consegue fluir em muitas coisas, mas com o trabalho coletivo, trabalho pedagógico, nós vamos construindo, vamos buscando, rodas de conversa e aí vamos conseguindo conciliar e desenvolvendo o trabalho.

Natalice: você utiliza livro didático? Qual?

Gleicinara: utilizamos alguns livros didáticos como já citei anteriormente, tem algumas coleções que na maioria das vezes não nos contempla e quando a gente abre o livro já percebe que ali predomina a branquitude a figura que a gente percebe quando aparece algum negro é na condição de escravo ainda percebe muito isso, né. Acho que praticamente em todos os livros se a gente for parar pra analisar a gente pouco ver a presença do negro no livro didático, então a gente tem essa carência tanto de conteúdo no material didático, as próprias imagens elas são usadas ainda muito assim pra esse lado da escravidão, do trabalho doméstico, muito concentrado nessas questões.

Professor: os alunos tem livros? Chega livro para os alunos também?

Gleicinara: chega. Chega os livros para os alunos e os manuais também.

Professor: a escolha do livro. Quem escolhe?

Gleicinara: olha em alguns momentos nós paramos para escolher os livros, mas quando vem os livros na maioria das vezes não são aqueles que nós escolhemos, vem pra gente fazer a escolha, aquela situação toda, analisar, mas quando a gente percebe os livros que vem não é aqueles que a gente escolhe. Existem alguns entraves com relação a isso, né.

Natalice: você utiliza outro material didático?

Gleicinara: usamos jogos construídos pelos próprios alunos e por nós professores ne, materiais que a gente aproveita da própria natureza, fazemos como já falei, jogos né e materiais mesmo pra pesquisa a gente vai pra aula de campo, sai um pouco da sala de aula vai para baixo de uma árvore, então aí acaba que a gente já vai construindo um outro cenário, a importância também de construir junto com os alunos, produzir materiais junto com eles porque a partir do momento que eles se integram, se integram naquela atividade, como se aquela atividade passasse a ter mais valor e com certeza o ensino acaba melhorando, né.

Natalice: A escola tem algum material didático específico para língua portuguesa e literatura no quilombo?

Gleicinara: olha, além do livros, alguma coisa especifica do quilombo eu não sei se entra como material mas nós temos um recurso que eu considero muito bom que é a oralidade que é transmitido dos mais velhos que nós trazemos pra escola ou vamos até a casa deles, aí eles nos ensinam muita coisa, não sei se entra na questão do material mas é uma forma de ensinar diferente que é uma característica do nosso quilombo, a oralidade, a transmissão de conhecimento dos mais velhos para os mais novos e assim uns aprendem com os outros.

Natalice: você desenvolve algum projeto na escola?

Gleicinara: desenvolvemos alguns projetos, tanto voltados para a leitura, quanto para a questão do étnico racial. Quando eu entrei na escola tinha um projeto já voltado para a leitura, que foi desenvolvido pela professora Jamile e aí a partir de então eu passei a me interessar pelo tema e também desenvolvi o projeto de leitura chamado: “Sacola Viajante” e a partir de então a gente começou a envolver mais os alunos na leitura, na produção e aí esse projeto foi ganhando rumos, foi formando pessoas, né. A gente percebe que foi uma coisa que deu muito certo, em parceria com outros professores, além do Sacola Viajante, agora nós temos o Bote da Leitura e com a construção da biblioteca nós conseguimos fazer com que a gente adquirisse um bote, que foi doado pela mãe de uma aluna, a gente tem ele na biblioteca, é uma coisa diferenciada que tem tudo haver com a cultura e acaba sendo atração e chamando atenção dos alunos. E a outra coisa que a gente sempre trabalha são projetos voltados para cultura, resgatando a cultura que a gente desenvolve não apenas em novembro, mas durante todo ano letivo, a gente promove desfile, poesias, danças varias coisas voltadas para a valorização cultura local.

Natalice: na sua opinião como deve ser o ensino língua e literatura em uma escola quilombola?

Gleicinara: o ensino deve ser forma bem sólida, porque eu acredito que é uma das coisas que vai ajudar na construção e no desenvolvimento de todas as outras disciplinas, então se a questão da literatura não tiver bem formalizada as outras possivelmente vão ser bem fragmentadas, para isso precisamos de professores e precisamos de formação voltados para isso, que nos ajudem a formar para que a gente possa esta passando para nossos alunos e assim com certeza trazendo uma educação de qualidade porque as vezes muitos professores nesse processo de formação muito aligeirada não conhece algumas coisas, né, muita coisa passam despercebidas na universidade, que a gente vai aprendendo já na docência, então, por isso a gente precisa buscar,

precisa ir atras mas também temos a carência na formação para professores, para nos ajudar nesse processo de formar mesmo.

Natalice: para você como a cultura e história do quilombo pode ser incluídas nas aulas de linguagem, de literatura e de leitura?

Gleicinara: a história do quilombo é de fundamental importância, aqui na nossa escola é um dos assuntos debatidos em quase todas as disciplinas, não necessariamente na de língua portuguesa porque ela é um conteúdo que muito vasto e daí a gente pode tirar muitas coisas, como eu já disse além da oralidade, a gente transforma isso também em escrita, em leitura, em versos, em paródias, então a história da comunidade ela é muito rica, graças a Deus a maioria dos professores eles incluem nas suas práticas pedagógicas e tem dado certo, tem ajudado nessa questão da literatura

Natalice: você inclui a cultura do quilombo em suas aulas? como isso é feito?

Gleicinara: incluímos. Uma das primeiras coisas que nós chamamos os griôs da comunidade para virem a escola, fazemos roda de conversa para ouvi-los, recentemente inclusive nas atividades da biblioteca nós temos enfatizados com a questão de valorizar a cultura local, valorizar os saberes tradicionais, a história dos encantados, a gente trás pra dentro da escola também e além dos mais nós vamos até ele, até os griôs da comunidade, fazemos entrevista, roda de conversa, aquele momento de descontração e outras coisas em relação a danças, a culinária que a gente traz também pra dentro da escola.

Natalice: considerando sua pratica hoje, você considera que o curso de pedagogia preparou você para ensinar no quilombo?

Gleicinara: como já mencionei, o curso em si, acredito que ele não preparou né, porque teve dias que já parei pra lembrar e não me veio em mente nenhum conteúdo, nenhuma disciplina assim que volte a formar para quilombo, dizer as comunidades quilombolas, e dizer como se constituíram, não lembro de ter na universidade, então por isso que no início eu fiz essa crítica aqui que ainda precisa ser intensificado essa questão.

Apêndice B - Entrevista com a professora Jamile castro, concedida no dia 02 de junho de 2023, no quilombo de Saracura, Santarém-Pa.

Natalice: fale um pouco sobre a sua trajetória de formação escolar. Educação básica, ensino fundamental, ensino médio, quando iniciou? Onde estudou? Quais as dificuldades?

Jamile: deve questionar as autoridades, em relação a construção das escolas para o ensino médio, hoje a realidade é um pouco diferente, mas não muito, aqui nessa nova escola com a construção da nova escola, já tem umas salas para o ensino médio, mas mesmo assim, por que que o estado não constrói uma escola ao lado dessa daqui para o ensino médio? Então, hoje nós já vimos esse avanço, isso é um grande avanço. Mas falando dessa minha trajetória, sem contar os percursos que nós fazíamos as vezes, por conta dos transportes que nós não tínhamos que é outro problema também, nós vínhamos aqui dessa comunidade, remando longas distancias pra chegar até na escola, e as vezes fazia sol ou chuva a gente tinha que chegar remando, porque o transporte não fazia esse percurso no período das férias, então, quem tinha canoa vinha, quem não tinha colega vinha trazendo assim a gente ia, para concluir o ensino médio. E pior ainda ficava os alunos do Arapemã, eles não tinham lá o anexo, não tinham escola lá e eles vinham fazer o ensino médio pra cá, eles faziam uma vaquinha ali pra chegar ate a escola, então o ensino médio em partes foi bom que a gente conseguiu concluir essas etapas mas elas foram muito mal feitas na formação mesmo e eu acredito que nem para o ENEM, o ensino médio nos preparou, então hoje eu consigo observar muito porque quando a gente chegou na universidade, eu me deparei com essas dificuldades, de produção textual, de falta de leitura que eram pra ser feitas no ensino médio na educação básica e nós não tivemos.

Natalice: Como foi seu ingresso na universidade?

Jamile: A minha trajetória na universidade, o acesso, o professor Luiz sabe bem disso, né, foi com bastante dificuldade, teve alguns problemas com relação a entrada na universidade, mas eu pude ter essa formação em uma universidade pública e para ingressar nessa universidade pública nós tínhamos antes o cursinho, que era coordenado pelo professor Luiz e ele nos ajudou muito também, para preparar os alunos pra entrar na faculdade, foi de muita importância o cursinho quilombola, ele não só preparou os alunos no sentido de produção textual mas ele nos possibilitou conhecer textos que falava das nossas comunidades, por exemplo, eu nunca tinha, já tinha ouvido falar nas narrativas mas nunca tinha ouvido falar nas demais comunidades, como

no texto do Eurípedes Funes que ele trás esse relato dessas comunidades, incluindo Saracura, Arapemã e as demais, né, então eu achei muito interessante porque foi ali que tive contato com um texto desse tipo que falava da nossa realidade. Então o cursinho quilombola ele passa por essa minha trajetória assim como para os demais alunos, e foi muito valioso, muito significativo e mesmo assim ainda percebi muita dificuldade na universidade, principalmente, em relação a leitura, uma das dificuldades que eu tive em relação a produção textual, a nossa produção textual ela é totalmente diferente de quem tá lá no urbano, de quem tá lendo literatura e tal, e aí no curso de letras isso é cobrado, leitura desses autores, dessas literaturas e é algo que eu não tinha, não tenho muito hoje mas pra minha realidade antes eu considero que tá evoluindo bastante. Então eu tive essas dificuldades em relação a preconceito na universidade, a universidade porque ela é preconceituosa, assim eu não sofri ali na sala nem um olhar de menosprezo por parte dos meus colegas, não, só em uma situação que eu até hoje lembro que era de uma prova de linguística onde nós tínhamos que estudar um texto de Saussure, né, e no final tinha que fazer uma avaliação e nessa avaliação por incrível que pareça eu fui a única que tirei a nota máxima, e aí eu percebi assim uns olhares dos colegas, assim: ah será?, ela não colocou, eu percebi assim nesse sentido, que foi um pouco de racismo, ah uma pessoa que veio da comunidade tirar dez, então no mais, aconteceu racismo nesse percurso da universidade mas fora da universidade comigo não lá dentro mas, enfim, a minha trajetória ela foi um pouco difícil, sem contar que quando a gente sai daqui da comunidade a gente não tem um suporte da universidade, ela possibilita essa entrada mas ela não possibilita essa entrada pra ti permanecer logo. Passei uns quatro meses dependendo de primas, da minha prima Beatriz, dos meus pais que mandavam assim, 10 reais, 15 reais, 20 reais pra mim, que era com o que eu tinha que me manter na semana e no final de semana pra evitar mais gastos eu evitava de ficar na cidade e eu vinha pra cá pro quilombo e isso acabou me prejudicando porque eu deixava de fazer algumas atividades, e aqui não tinha como digitar, e os celular era outra dificuldade que a gente não tem esse conhecimento da tecnologia, e eu não sabia manusear muito, o word, powerpoint, essas coisas, então isso acabou me prejudicando muito, na universidade, mas depois fui atrás de bolsa, desde 2016 desde quando entrei comecei a ser bolsista primeiramente de um projeto de extensão voltado para a produção de conteúdo radiofônico né, foi um período ali de três meses mas foi de muito conhecimento e onde eu pude mesmo perceber na prática que a minha dificuldade em relação aos domínios das tecnologias eram bem grandes, eu tive imensas dificuldades de manusear o computador para editar algo mas com o auxílio das orientadoras conseguimos fazer uma produção de conteúdo radiofônico, depois comecei a receber o auxílio da ufopa e participar mais dos grupos de pesquisa, passei a buscar grupos de pesquisa pra mim

participar, foi aonde encontrei o grupo lelit, e desde 2017 eu sou bolsista de extensão lá até 2020, com o projeto: “levar além a lugares distantes”, então meu percurso acadêmico teve essa fase inicial de dificuldades que percorreu ao longo da graduação mas que foram melhorando conforme eu fui me apropriando desses conhecimentos, dessas possibilidades que a universidade oferece, então participei de um intercâmbio acadêmico que a UFOPA disponibilizou em 2019, 2018 mas eu só realizei 2019 onde eu fui pra Colômbia pesquisar lugares de ler, no Cali, e foi uma experiência também que a universidade pública me possibilitou por meio das ações afirmativas onde eu concorri no edital me declarando como quilombola pelas ações afirmativas, então foi um passo assim muito significativo, que eu espero que os demais alunos quilombolas e indígenas tenham essa mesma oportunidade que com certeza agrega muito conhecimento e possibilitar conhecer outras culturas, outras realidades, então a UFOPA me possibilitou essa trajetória acadêmica.

Professor Luiz: você entrou pelo processo seletivo especial ou pelo ENEM?

Jamile: eu entrei pelo processo seletivo especial, né.

Professor Luiz: como você vê assim, as dificuldades dos estudantes? Com o PSE, PSEQ, daria para entrar pelo ENEM? O que é necessário no processo especial?

Jamile: eu penso que todos nós temos capacidade para entrarmos pelo ENEM, só que se nós formos olhar a nossa realidade educacional do ensino médio, nós não temos condições de competir com quem tá lá estudando regularmente as disciplinas e também tá estudando, se preparando pra fazer o ENEM, tá fazendo uma escolinha particular, tem tempo pra estudar em casa, que é algo que nas comunidades quilombolas a gente não vê quase, um estudante tirando um tempo ali pra estudar, então por esse lado, nós não temos muitas condições de entrar pelo ENEM, então as ações afirmativas do PSEQ, ele é de suma importância para as comunidades quilombolas, é uma conquista que os nossos antepassados conseguiram e que está abrindo portas, possibilidades na verdade pra muitos jovens que poderiam ter um futuro totalmente contrários, tendo uma formação acadêmica, então esse processo seletivo ele é uma conquista dessa luta quilombola, do movimento quilombola, é uma forma de acesso muito significativa mesmo para os quilombolas, então se nós formos olhar por esse lado da nossa realidade educacional nós não temos essa condição de entrar pelo ENEM. Então o processo seletivo ele

é esse acesso diferenciado, então se tem uma educação diferenciada, nós temos que dar a importância do acesso diferenciado.

Natalice: fale um pouco sobre a sua trajetória no curso de letras: por que você escolheu letras? E como foi sua trajetória no curso?

Jamile: É até meio irônico né, porque quando eu passei, o meu sonho antes era ser advogada, então, eu tinha conhecimento dessa área e tal, por conta da televisão do rádio, que a gente ouvia, mas de letras eu não tinha muito conhecimento, mas mesmo assim eu quis tentar. Eu não sabia assim logo no início que eu iria trabalhar na sala de aula, ia me formar em letras, uma pessoa que sabe e domina a língua portuguesa, né, eu tinha essa visão, mas não me passava pela cabeça antes que eu iria trabalhar na sala de aula (risos), aí ao longo do curso eu fui conhecendo um pouco, o que é o curso de letras. Isso é até uma questão que posso refletir, a gente tá aqui do outro lado e a gente não tem muito conhecimento desses cursos que a universidade pública oferece, então eu penso que isso é uma questão que precisa ser debatida, de apresentar, a UFOPA assim como as outras universidades apresentarem os cursos, a UFOPA principalmente porque ela está possibilitando essa entrada dos estudantes quilombolas, então, apresentar o curso de letras, de pedagogia, de geografia pra ver o que que vai fazer, eu penso que isso ajudaria muito os alunos a escolherem, ah essa área aqui eu dou conta, é a área que eu pretendo atuar, eu quero focar nisso, mas na universidade fui me deparar com outra coisa assim no curso de letras, mas foi muito bacana e eu não me arrependo de ter feito, a minha primeira escolha era em pedagogia, pedagogia eu também já tinha um conhecimento, mas eu passei na segunda opção.

Natalice: Como foi sua trajetória no curso?

Jamile: Foi um pouco de dificuldade, mas de muito conhecimento, coisas que a gente não teve a oportunidade no ensino médio de fazer produção textual, artigo científico, resenha, então foi assim um momento de muita importância porque foi lá que eu tive acesso também a algumas obras da literatura que, a UFOPA ela tem a biblioteca então lá eu pôde conhecer alguns autores, eu ouvia falar mas não sabia quem era, como Machado de Assis que é um autor negro, então eu tive contato com a obra dele, no primeiro momento eu peguei li mas tive muita dificuldade de entender, então eu fui reli um pouco e começou a clarear um pouquinho. Dos textos também na graduação eles foram assim essenciais principalmente literatura africana, foram textos que

discutiam a literatura africana, autores africanos, autores brasileiros também, eu vejo também em partes o curso de letras, embora ele trabalhe essas questões ele não nos prepara totalmente pra prática principalmente no curso de letras que vai preparar professores, né, então ele não nos prepara pra essa prática ele nos dar o suporte teórico e tudo mas na prática ele falha um pouco, porque quando a gente chega na pratica você vai aprender tudo a gente vai aprender a preencher diário, que foi uma das minhas dificuldades, a fazer as ocorrências, como lidar na sala de aula com certas situações que podem acontecer, que vão acontecer, então eu penso que a universidade e principalmente o curso de letras, ele deve ter essa fase que vai ali botar na pratica tem os estágios, mas os estágios os professores não dar essa autonomia para o estagiário, dar essa aula de conviver ali com os alunos, então a UFOPA precisa ver mecanismo pra formar professores porque eles vão sair dali sabendo o que eles vão fazer e sabendo o que eles vão encontrar na sala de aula.

Natalice: O quilombo ou os quilombolas eles foram assunto em alguma disciplina do curso de letras?

Jamile: basicamente nas literaturas africanas, nas demais eu não lembro de serem discutidas mas nas literatura brasileira em geral, Ana Maria Machado mas esses autores, mas no quisito, daqui da região das comunidades não lembro.

Natalice: Fale um pouco da importância e da dificuldade do acesso dos quilombolas ao mestrado?

Jamile: Também é uma outra dificuldade porque, eu trabalho nessa linha de pesquisa aqui que tem um conceito de levar a ler a lugares distantes, então nós estamos distantes não só geograficamente, embora nós estejamos aqui no Saracura perto né podemos ver ali a cidade mas estamos distantes dos outros elementos da cultura como leitura, acesso a água potável não tem, energia elétrica não tem, saúde não tem posto aqui no Saracura, embora estejamos perto de Santarém, nós estamos distantes desses direitos, então, por nós estarmos nessa realidade e por essa ordem capitalista, a gente tem essa visão muito capitalista de: “ah vou me formar e vou voltar pra cá só com a graduação e vou dar aula”, a gente não pensa. “ Ah eu vou fazer um mestrado, vou fazer um doutorado”. Essa dificuldade de fazer o mestrado se encontra nesse caminho ne , de professores não darem essa continuidade da formação, da formação continuada de se formar na graduação e vim pra sala de aula e não buscar o mestrado e aí quando busca

principalmente, da UFOPA se depara com essas dificuldades, que nós nos deparamos lá no início que é a produção textual de artigo científico e essas coisas e recentemente nós tivemos uma conquista que foi o processo seletivo especial no mestrado, ele está sendo uma oportunidade para os professores de fazerem essa formação continuada, principalmente pra esses que estão se formando, então é uma forma diferenciada de tá na universidade de fazer essa formação continuada o processo seletivo ele é muito importante pra isso, alguns professores que não tinham condições de entrar pelo regular, nem tempo para fazer em outra universidade e estão tendo a oportunidade agora de dar continuidade nos estudos.

Natalice: você trabalha a quanto tempo na escola? Qual seu vínculo empregatício?

Jamile: Eu trabalho nove meses nós ficamos trabalhando, desde 2022 ai pegamos 2023, como Saracura ele tem um calendário diferente do urbano, então as aulas iniciavam em agosto e terminavam em abril, agora já teve uma mudança as aulas começam em julho e terminam em abril também, então a minha experiencia foi de nove meses aqui no Saracura, atualmente eu não estou com vínculo aqui no quilombo porque o contrato foi até abril, então já encerrou.

Natalice: Você lecionava em quais turmas?

Jamile: Eu lecionava do sexto ao nono com língua inglesa e do sexto ao sétimo ano com a língua portuguesa.

Natalice: Fale da importância da professora quilombola lecionar na sua própria comunidade?

Jamile: Nossa é muito importante eu vejo assim como uma forma de dar um retorno pra minha comunidade, é uma forma de dar um retorno social pra comunidade de toda luta envolvida pra gente ingressar na universidade, de formar e voltar pra cá eu vejo assim como forma de dar esse retorno pra comunidade, de ajudar na educação principalmente, aqui do quilombo.

Natalice: Como é dar aula?

Jamile: É também um desafio, é um pouco desafiador porque você não tem um suporte de livros, material didático voltado especificamente, para a comunidade então é um pouco desafiante, percebi isso nas aulas de poesia, de língua portuguesa onde eu tentava conciliar um

pouco da cultura local com esse conhecimento nacional então eu tentava incluir nas aulas, filmes que tratavam um pouco da literatura africana, tem um filme que eu comentava com os alunos a leitura que tem o livro e tem o filme, que trata também do racismo, chama-se: “o ódio que você semeia”, esse filme eu procurei trabalhar ele na sala de aula, eu trabalhei a fundo pra ver, pra instigar a conhecimento dos alunos pra ver como lidavam com as cenas que passavam ali, porque são cenas fortes de racismo e também outros livros que eu utilizei na sala de aula.

Jamile: Uma outra dificuldade também é em relação ao apoio ao material didático pra imprimir os professores tem que tá tirando do seu próprio bolso pra imprimir a atividade, tem que tá copiando no quadro como aconteceu que não dava tempo de imprimir e ficava copiando no quadro, é uma coisa chata eu não gosto muito mas a gente tem que se adequar na realidade as vezes, então eu penso que essa dificuldade as vezes de apoio de material didático ela precisa ser sanada não ficar nessa sala de aula quadro/caderno, quadro/caderno, algumas vezes eu tentei usar o data show mas eu não consegui, usar o computador pra fazer slides, deixava no computador mesmo e destacava algumas partes no quadro, atividades, porque não dava não tinha como passar no data show.

Natalice: Quais principais dificuldades e desafios da escola?

Jamile: A escola ela tem uma estrutura que eu posso considerar boa perto da que nós tínhamos que estava caindo mas ela precisa ainda melhorar muitas coisas, principalmente a questão dos ventiladores, calorção as vezes os alunos não conseguem se concentrar por causa desse calor, principalmente no turno da tarde que é mais quente, no da manha posso considerar de boa mas a tarde os alunos ficavam se queixando de muita quentura e o motor as vezes não podia ligar porque não tinha combustível, a SEMED não dar muito suporte em relação a isso, então isso eu vejo que precisa fazer muito mais investimento nessa parte não é só construir a escola e deixar lá, mas a gente tem que ter esses outros auxílios de um ambiente não muito quente, de um ambiente agradável, salas de vídeos, a biblioteca também que na escola não tinha, atualmente nós inauguramos uma que, foi construída com os professores daqui, na minha coordenação e da professora Gleicinara, nós conseguimos organizar uma biblioteca, então tudo isso são questões que a gente precisa refletir, porque que constrói uma escola e no projeto da escola não tem uma biblioteca, né, ao mesmo tempo que a SEMED e os outros dizem que ler é importante, que tem que incentivar da leitura e tudo, a BNCC diz isso, mas aí na pratica é totalmente diferente, constrói uma escola mas não constrói uma biblioteca, então eu penso que

esse é o maior desafio da escola, de ter esse suporte, sala de vídeo, biblioteca, suporte de material, data show que funcione, de um motor ou energia mesmo porque um motor ele vai incomodar por um lado, pessoal da cozinha vão ficar com o barulho ali, até na sala de aula mesmo porque o motor fica próximo então o barulho incomoda e acaba atrapalhando a aula aqui, então a gente precisa refletir sobre essas questões também.

Você disse que usava livros didáticos quais outros você utilizava

Jamile: Sim. Eu não tenho aqui, tá. Mas eu não sei se tinha aqui alguns exemplares

Natalice: Qual avaliação você faz desse livro?

Jamile: Não tem (risos). Eles não falam sobre literatura africana, o nome do livro que eu achei que tava um pouquinho mais próximo, não muito distante é o “tecendo linguagem”, eu utilizei em algumas aulas ele, mas eu tive dificuldade em relação a disponibilizar os textos que estavam lá pros alunos, eu parei de usar porque achei muito curto a leitura, e ainda assim os alunos tem entendimento contrário porque a leitura ali ela tá cortada, tá adaptada e o aluno não consegue assim entender, então eu parei de usar esse livro didático, eu usava em algumas aulas que falavam da literatura, de imagem de tela essas coisas, e eu fui buscar material na internet, então fui buscar não só material que falava da língua portuguesa mas também da literatura africana inclusive eu utilizei alguns livros, em algumas aulas, não lembro exatamente quantas foram mas não foram tantas eu utilizei aquele livro da capa amarela que tem sobre histórias quilombolas, eu li algumas histórias lá pros alunos e utilizei alguns aqui da biblioteca que falavam sobre literatura africana, então durante as aulas nós fazíamos muita atividade de leitura, não todos os dias mas tinha dias que a gente tirava um tempo pra ir na biblioteca, os alunos ficavam lendo e eu falava do acervo, explicava: essa é a literatura africana, essa é literatura brasileira, de ficção, conto e um livro que a gente debateu muito na sala de aula foi um livro que falava da segregação racial, que fala da Rosas Passos e do Marcinho, então foi um livro que nós lemos na sala de aula, então quase todos os dias a gente lia ali uma pequena parte e aí a gente discutia, então foi um momento assim bem interessante, eu penso que é uma das leituras que os alunos não vão esquecer porque ele trata desse racismo, que ela sofreu lá nos Estados Unidos mas acaba refletindo hoje aqui na nossa realidade, eu busquei trazer pro sétimo ano “o ódio que você semeia” e pro sexto também voltado pra essa cultura afro usei o filme kiriku, também após a exibição do filme a gente discutia qual a parte que tinha chamado mais atenção, eu não fiquei muito só no livro didático, com o celular na mão, as vezes meu computador não

estava carregado então eu tinha que usar o celular, então o material estava ali no celular, pegava do celular e escrevia no quadro que não tinha como passar no data show, e aí a impressão também não tinha como imprimir porque as vezes vinha de manhã pra cá pra escola pra ficar na biblioteca, e também tem outras atividades como planejar aula e não dava tempo de mandar imprimir, pela manhã eu ficava com essa parte de planejar e não dava tempo de mandar pra impressão. Ficava muito essa coisa assim: quadro e caderno, é uma coisa chata né. Risos

Natalice: você já elaborou algum material específico para o ensino no quilombo?

Jamile: Não. É uma coisa assim que eu fiquei observando depois que você disponibilizou o questionário, eu fiquei pensando: que gente tá aqui, a gente sabe das nossas dificuldades, da nossa realidade então porque não elaborarmos um material pra trabalhar na sala de aula a escola disponibilizar, “olha nós temos esse tipo de material aqui que pode dar um norte pras suas práticas, então eu penso que é uma questão um pouco robusta dos professores pra tentar construir, pra trabalhar na escola.

Natalice: Você desenvolve algum projeto na escola?

Jamile: nós temos aí o projeto levar a ler a lugares distantes, que ele vem sendo desenvolvido desde 2018, onde nós tentamos construir uma biblioteca com a comunidade mas aí por vários motivos nós não conseguimos essa construção mesmo, porque a ideia era construir mesmo, conseguimos fazer adaptações, primeiramente na antiga escola e depois que ela cedeu, tiramos o material de lá e colocamos no barracão onde estava funcionando a sala de aula, lá no barracão e lá não tivemos muitas práticas, digo assim eu vendo ali, né mas os professores ficaram usando o espaço, eu fiquei sabendo pelo diretor e pelo alguns professores como a professora Gleicianara que já desenvolve projetos de leitura então os professores estavam utilizando aquele espaço e agora recentemente nós adaptamos aqui na escola com o espaço que era pra uma outra coisa, o diretor reservou para a biblioteca, então achei uma atitude um passo significativo também porque é difícil a gente ter uma pessoa da direção que dê esse espaço, ah você vai fazer aqui, pode organizar aqui nesse espaço. Então nós organizamos a biblioteca nessa sala, e com um acervo de mais ou menos 260 livros, tirando os livros teóricos, são livros do governo vem pra escola, alguns foram doados pelo projeto do LELIT, e a maioria estavam aqui na escola, então eu achei um número assim um pouco reduzido pro que tinha antes em 2021.

Professor Luiz: Mas tem livros assim da temática quilombola, temática negra?

Jamile: Tem. Tem esse que eu falei pro senhor, esse na verdade era uma coleção, era esses pequenos que falavam sobre personagens negras como Zumbi dos Palmares e outros tem esses outros exemplares lá. E tem outros que falam sobre os contos africanos, um pouco, acho que uns cinco ou menos tirando esses da história dos personagens na verdade, mas são poucos livros que tem sobre literatura africana.

Natalice: Na sua opinião como deve ser o ensino de língua e literatura em uma escola quilombola?

Jamile: Eu penso que deve esse conhecimento formal aqui trabalhado na sala de aula com os conhecimento informal que são os conhecimentos empíricos da comunidade, sobre benzer, sobre puxar eles devem está em harmonia com o conhecimento formal da escola, eu penso que a educação quilombola por esta dentro de um território quilombola, que tem essas particularidades, ela deve buscar meios pra unir essas partes pra esta em harmonia, uma das últimas atividades na verdade da biblioteca nós buscamos trazer um pouco desse conhecimento né, onde nós fomos entrevistar algumas lideranças, falar sobre a trajetória dela quilombola, e o outro foi o seu Adailson que ele veio contar algumas historias aqui do quilombo pra gente, mas assim são atividades que são mínimas que precisa ser mais ativa nesse espaço e conciliar essas duas formas de ensino, porque isso também é uma forma de ensinar, nós temos ali o conhecimento da pessoa mais velha de quando vai chover, se vai ser uma enchente muito grande, então esses conhecimentos eles devem esta permeável na sala de aula também.

Natalice: Como a cultura e a história do quilombo podem ser incluídas na sala de aula?

Jamile: A gente tem que buscar as pessoas mais velhas não somente elas mas os mais jovens que estão nessa luta. O Saracura ele tem esse lado cultural bem grande só que a gente tá percebendo que está aos poucos morrendo principalmente porque as pessoas mais velhas que ficavam responsáveis por essa parte da contação de historia das musicas estão morrendo, então essa cultura ela tá indo também e se a gente não der continuidade, se não ver uma forma de tentar gravar, de levar os alunos para ouvir essas historias e depois recontar Saracura vai ficar sem esse lado cultural, ne, procurar ouvir os mais velhos, gravar, escrever que ali o aluno vai esta lidando com algo do cotidiano dele dessas narrativas e que podem ser mais fácil pra ele se

apropriar da escrita, eu penso que trabalhar essa questão é muito importante, ouvindo os mais velhos, escrevendo e deixando reservado, porque as vezes a gente escreve e não guarda então vai se perdendo do mesmo jeito.

Natalice: Você inclui a cultura do quilombo em suas aulas? Como isso é feito?

Jamile: não coloquei muito da cultura. Mas algumas vezes, eu procurei, pedir pros alunos contarem histórias que eles sabiam que os pais deles contaram pra eles e a gente tinha ali, são 45 minutos então e eles ficavam contando, lá no sexto ano era uma coisa que eles gostavam muito, porque é algo do cotidiano deles, é algo que eles têm domínio, então quando eu falava assim: quem pode contar uma história hoje aqui do quilombo. E eles contavam de assombração, alguns ficavam com medo mas era algo assim bem importante pra gente.

Você tem algumas dessas histórias escritas no punho, esses trabalhos ou era so oralidade
Eu pedia pra eles me escreverem porque eu usava pra corrigia e usava para ver a escrita dele e aí eu devolvia pra eles

Natalice: Considerando sua pratica hoje. Você considera que o curso de letras preparou você para ensinar no quilombo?

Jamile: Na parte teórica acho que mais ou menos né, mas na pratica assim eu tive bastante dificuldade pra lidar em alguns momentos com situações, de comportamento agressivos de alunos eu fiquei ali um pouco perdida sem saber o que fazer mas não fiquei muito desesperada né eu penso que a universidade ela tem que trabalhar essa formação inicial porque não fazer como os indígenas estão fazendo que antes deles irem para o curso eles tem essa formação desses conhecimentos, também essa preparação pra prática, além do estágio que tem o estágio mas o estagio ele fica muito ali do aluno observar, ele não vai ficar uma aula inteira lidando com aluno, no meu caso eu tive essa experiencia não fiquei muito tempo assim em uma sala de aula só com alunos no estágio de regência e pior ainda ficou na pandemia, que o meu estágio de regência ele foi durante a pandemia então eu não tive muita experiencia na pratica no estágio de regência e foi uma das dificuldades encontradas aqui na escola, preencher diário situações e também teve mecanismo pra fazer e trabalhar na sala de aula eu penso que precisa fazer pra essa pratica do profissional de letras do professor que vai trabalhar na sala de aula tem que ter essa preparação, uma preparação psicológica também porque é uma coisa que mexe muito com

a gente sai daqui meio desmotivada porque você chega com uma coisa nova né e por uma série de fatores as vezes o aluno não colabora aí você acaba muito pra lidar com tudo isso.